

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO NORTE CATARINENSE  
FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE

# A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO SOB A VISÃO DAS CRIANÇAS DE 1.º GRAU

POR  
MARIA DA SALETE SACHWEH

Monografia apresentada à Coordenação do  
Curso de Especialização em Metodologia  
de Ensino para obtenção de grau de  
Especialista.

T-1478

M  
EDU/ME  
S 121 h  
1992

CANOINHAS  
1992

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO NORTE CATARINENSE  
FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE

A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO SOB A VISÃO  
DAS CRIANÇAS 1<sup>o</sup> GRAU

POR

MARIA DA SALETE SACHWEH

ORIENTADOR : GASTÃO O. FRANCO DA LUZ

COORDENADORA : ARACI ASINELLI DA LUZ

CO-ORIENTADORES: JOSÉ BARRIO BARRIO  
SEBASTIANA RUBIN BARRIO

CANQUINHAS

1992

O sentido histórico comporta três usos que se opõem, palavra por palavra, as três modalidades platônicas da história. Um é o uso paródico e destruidor da realidade que se opõe ao tema da história-reminiscência, reconhecimento; outro é o uso dissociativo e destruidor da identidade que se opõe à história-continuidade ou tradição; o terceiro é o uso sacrificial e destruidor da verdade que se opõe à história-conhecimento. De qualquer modo se trata de fazer da história um uso que a liberte para sempre do modelo, ao mesmo tempo, metafísico e antropológico da memória. Trata-se de fazer da história uma contramemória e desdobrar conseqüentemente toda uma outra forma de tempo.

(FOULCAT, 1979: p.33)

## AGRADECIMENTOS

Parece tão fácil fazer um agradecimento, mas na realidade não o é, pois faz-se necessário refletir sobre aquilo e àqueles a quem quero agradecer.

Ao constante dar-se de Araci e Gastão, mestres queridos, obrigada!

A calma e a sempre presença (ausente) em todo ato de avaliar do professor Lineu, obrigada!

Ao interesse e dedicação do caminhar da Educação do professor Lauro, obrigada!

Aos momentos de reflexão provocados pela Gilda, obrigada!

A dúvida e o medo deixaram de existir pela força da pessoa de Consuelo, obrigada!

Aos amigos de todos os instantes e que me fazem sentir cada dia mais educadora José e Sebastiana, obrigada!

Às meninas Gisele e Emmanuelle pelos momentos de ajuda e de sono que perderam, obrigada!

## DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a minha família: Emmanuelle, Marielle, Herbert e também à Nina (minha mãe); América e Carlos (sogros) que me incentivaram a continuar em busca do saber.

Também o dedico àqueles colegas que me ajudaram a organizá-lo: Argos, Marcia, Rosane, Marise D., Marise Z. S. e Siomara Schroeder.

Por fim dedico-o à todas as crianças que se dispuseram a responder o longo e cansativo questionário que apliquei no decorrer deste trabalho e que são a causa maior desta pesquisa.

# SUMÁRIO

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....	1
1.0 - O PROBLEMA .....	1
1.1 - ENUNCIADO .....	1
1.2 - OBJETIVOS .....	1
1.2.1 - OBJETIVOS GERAIS .....	1
1.2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	2
1.3 - JUSTIFICATIVA .....	2
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	5
1.0 - UNIVERSO TEÓRICO .....	5
1.1 - A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO .....	5
1.2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CANOINHAS . . . . .	14
1.2.1 - PRIMÓRDIOS .....	14
1.2.2 - A HISTÓRIA .....	16
1.2.3 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O HABITANTE DO MUNI- CÍPIO DE CANOINHAS .....	22
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DA PESQUISA .....	25
1.0 - DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	25
1.1 - DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO E DA AMOSTRA .....	25
1.1.1 - LOCAL .....	26
1.2.2 - UNIVERSO .....	26
1.1.3 - AMOSTRA .....	26

1.2 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS .....	26
1.3 - DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS .....	29
1.4 - DESCRIÇÃO DA COLETA DOS DADOS .....	30
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS .....	32
1.0 - TRATAMENTO DOS DADOS .....	32
2.0 - EVIDENCIAÇÃO DOS RESULTADOS .....	33
3.0 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....	50
CAPÍTULO V - CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÃO .....	58
1.0 - CONCLUSÃO .....	58
2.0 - RECOMENDAÇÃO .....	60
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....	61
OUTRAS REFERÊNCIAS .....	65
ANEXOS .....	66

## LISTA DE TABELAS

01 - Sexo, Faixa Etária e Unidade Escolar .....	33
02 - Local de nascimento dos estudantes pesquisados .....	34
03 - Formação étnica dos estudantes do Município .....	35
04 - Situação funcional dos pais .....	36
05 - Informações sobre o município de Canoinhas .....	36
05 (a) - Lugares conhecidos .....	37
06 - Origens do nome da cidade de Canoinhas .....	37
07 - Bairros conhecidos e o significado de seu nome .....	38
08 - Opinião dos estudantes sobre fatos históricos ocorridos em Canoinhas .....	38
09 - Praças identificadas .....	39
10 - Opinião sobre os usos, costumes e tradições mantidas pelas famílias .....	39



## LISTA DOS GRÁFICOS

01 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA I .....	40
02 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA II .....	41
03 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA III .....	42
04 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA IV .....	43
05 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA V .....	44
06 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA VI .....	45
07 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA VII .....	46
08 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA VIII .....	47
09 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA IX .....	48
10 - GRÁFICO REFERENTE A TABELA X .....	49

## LISTA DE ANEXOS

- ANEXO I - ROTEIRO PARA REGISTRO DE INFORMAÇÕES
- ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTAS
- ANEXO III - FORMULÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA
- ANEXO IV - FOTO - MARCO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE
- ANEXO V - FOTO - PRAÇA DO CONTESTADO
- ANEXO VI - FOTO - ATUAL PREFEITURA MUNICIPAL
- ANEXO VII - ENTREVISTA N<sup>o</sup> 1: DR. ORTY MAGALHÃES MACHADO
- ANEXO VIII - FOTO - "A BICA DO MONGE"
- ANEXO IX - ENTREVISTA N<sup>o</sup> 2: FRANCISCO FERRAZ
- ANEXO X - ENTREVISTA NÚMERO 3: MARIA TEREZINHA CORDEIRO E  
JOSEFA HEIDEN
- ANEXO XI - MAPA DO MUNICÍPIO
- ANEXO XII - FOTO - MEIOS DE TRANSPORTE
- ANEXO XIII - FOTO - CRUZEIRO DE SÃO JOÃO MARIA

## RESUMO

A presente monografia tem por finalidade verificar o conhecimento da História de Canoinhas sob a visão das crianças de 1<sup>o</sup> Grau.

Aborda a evolução da disciplina História do Brasil e a História do Município através de um apanhado bibliográfico.

Para a execução dos objetivos optou-se pela pesquisa bibliográfica e de campo, sendo que a última foi feita através de observações, entrevistas e distribuição de um questionário.

Após análise dos dados concluiu-se que a História do Município de Canoinhas permanece distante da realidade do aluno, mesmo sendo esta, parte transformadora de diferentes grupos sociais e da sociedade em que vive.

O conhecimento popular, a vivência do educando, parece não ser um dos objetivos da disciplina História. Desse modo, como educadores continuamos a repassar a História selecionada por uma classe dominante ao mesmo tempo que servimos de agentes ocultos e apagadores da memória social.

# CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

## 1.0 - O PROBLEMA

### 1.1 - ENUNCIADO

Considerando-se que a história da criança e do município estão intimamente ligadas ao ato de condução do saber, tem-se a preocupação com os meios, com as formas e as maneiras de levar a criança ao conhecimento democrático e histórico.

Neste contexto, questiona-se: Qual a história do município de Canoinhas do ponto de vista das crianças de 1<sup>o</sup> Grau?

### 1.2 - OBJETIVOS

#### 1.2.1 - OBJETIVOS GERAIS

- Reforçar para alunos sua importância como agentes participativos e transformadores da história do município e na realidade do ambiente em que vivem.
- Evidenciar a visão histórica concreta do aluno da abstração histórica reconstituída na escola.

### 1.2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Questionar a respeito do que o aluno de 1º Grau conhece a respeito da história do município de Canoinhas.
- Verificar qual a noção do desenvolvimento da sociedade canoinhense através dos tempos para os alunos de 1º Grau.
- Verificar até que ponto os usos e costumes presentes e locais sofreram influência do passado.
- Analisar as modificações ocorridas no contexto histórico após estudos bibliográficos referentes a região de Canoinhas.
- Observar se as condições sócio-econômicas interferem na aprendizagem da história do aluno de 1º Grau no município de Canoinhas.
- Ressaltar a necessidade da revisão dos programas/abordagens históricas em relação ao município.

### 1.3 - JUSTIFICATIVA

As aulas de História e ou Estudos Sociais que se têm desenvolvido junto a clientela do Ensino de 1º Grau no município de Canoinhas vem sendo desenvolvida de forma bastante distante da realidade do aluno, como se esse não carregasse consigo uma bagagem de experiências de vida, as quais não são levadas em consideração no processo ensino-aprendizagem.

Partindo desse princípio é importante ressaltar que é via a interpretação da história que a criança compreende sua

realidade e amplia sua visão de mundo. E é começando deste estudo que acontecerá seu desenvolvimento e sua participação crítica no contexto histórico nacional.

O fato dos professores se eximirem dos problemas que envolvem criança-comunidade, decorre muitas vezes devido a sua própria formação ou por manipulações de propostas curriculares que seguem uma linha de trabalho mais tradicional, que reforça a passividade dos indivíduos frente aos feitos históricos, anulando-se como ser histórico.

No passado a história do indivíduo ou da comunidade eram deixadas de lado, por ser a história do país e de seus 'grandes' personagens mais importantes que a história daqueles que fazem o cotidiano.

Hoje, faz-se necessário pensar em uma nova prática, uma nova dinâmica social, pois já vem acontecendo uma "nova escola" e nesta, a experimentação e a vivência consciente são fatores imprescindíveis para tomadas de decisão.

Pelas diferentes circunstâncias em que vivem e se desenvolvem as crianças de nossa comunidade é impossível não se levar em conta o estudo da mesma como um espaço social que lhe apresenta uma visão de mundo.

É grande o número de crianças que freqüentam escolas públicas sem nunca terem sido caracterizadas como indivíduos integrantes e transformadores efetivos da história.

Emerge, portanto, que no estudo da história a criança seja colocada na ação percebendo seu espaço e interagindo com ele, influenciando-o e sendo influenciada.

Para tanto, torna-se indispensável que o professor como trabalhador intelectual e responsável pela sistematização e difusão do conhecimento inicie e efetive a transformação desta

realidade, proporcionando a passagem da cultura popular à cultura erudita, transmitindo através da escola novas formas de expressão do saber popular capazes de permitir a intervenção das classes populares na realidade objetiva em que esta ação se desenvolve.

Por conseguinte, é necessário que se tenha suficiente compreensão não só da sociedade em que se vive, mas da sociedade que se quer construir. Não só da educação que se têm, mas da educação necessária para a sociedade que se deseja. Não só entender o homem de hoje e educá-lo neste hoje - temporal e transitório - mas a visão histórica da possibilidade de influir hoje na construção do homem e da sociedade de amanhã.

## CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.0 - UNIVERSO TEÓRICO

#### 1.1 - A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

A história da educação tem seu início no Brasil com a chegada de Tomé de Souza - Governador Geral - 1546, que trazia em sua expedição 6 (seis) jesuítas que tinham como encargos:

- . fundar colégios, ensinar a ler e escrever, ajudar na construção de novas cidades e na administração pública;
- . transmitir ensinamentos religiosos;
- . catequizar os índios, isto é, fazê-los abandonar o paganismo e seus costumes e seguir a religião cristã.

Em 1550, na Bahia foi fundada a primeira escola do Brasil, era uma mistura de orfanato, seminário e escola para leigos, levava o nome de Colégio dos Meninos de Jesus de São Vicente.

Depois desta, outras em regiões diferentes foram sendo fundadas: Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo, São Paulo e mais outras. Por 2 (dois) séculos esses religiosos



foram os únicos educadores no país quando então, aconteceu a expulsão desses do Brasil, por ordem do marquês de Pombal.

Antes, porém, por volta de 1630 as escolas jesuíticas se reestruturaram para receber não mais os nativos, negros e pobres, pois estes eram seres de 'cabeça dura'.

"(...) o índio brasileiro, saindo de uma civilização muito primitiva, não podia adaptar-se com a necessária rapidez ao sistema e padrões de uma cultura tão superior à sua, como era aquela que lhe traziam os brancos. O Brasil, neste assunto, estava em situação radicalmente diversa do México e dos países andinos.

(PRADO, p. 36)

Esta nova estrutura foi adaptada para atender preferencialmente aos filhos de famílias ricas.

Quando este fato tornava-se realidade, preparou-se com extremo cuidado os professores para evitar desvios ideológicos e para garantir uniformidade de pensamento e ação. Para manter os alunos distantes e alheios às idéias que não fossem as jesuíticas, a Ratio Studiorum prescrevia o seguinte quanto aos professores "Se alguns forem amigos de novidades ou de espírito demasiado livre devem ser afastados sem hesitação do docente". Este rigor no controle dos professores era devido à necessidade de se manter na Companhia de Jesus a mesma orientação em qualquer parte do mundo, embora o Provincial pudesse:

"Como, porém, na variedade de lugares, tempos e pessoas pode ser necessária alguma diversidade na ordem e no tempo consagrado aos estudos, nas repetições, disputas e outros exercícios e ainda nas férias, se julgar conveniente, na sua Província, alguma modificação para maior progresso nas letras, informe geral para que tomem as determinações acomodadas e todas as necessidades, de modo, porém, que se aproximem o mais possível da organização geral dos nossos estudos".

(FRANCA, p.132)

Com isto, verificou-se que a estratégia de ação dos jesuítas era de extremado zelo, o que muito contribuiu para a elitização do já raro e restrito ensino no período colonial brasileiro.

Excluiu-se o povo, e, sobretudo, o ensino aqui ministrado era completamente alheio a realidade do novo mundo, os jesuítas teimavam em manter os alunos confinados a uma cultura inadequada da realidade vivida. O resultado disso não poderia ser outro que não o início da alienação do indivíduo a sociedade.

Como os jesuítas passaram a marginalizar o povo e se dedicaram à educação da elite, outros religiosos assumiram a tarefa de ensinar os ofícios aos índios, negros e mestiços, sem esquecer que esses quando conseguiam vagas nas melhores escolas (jesuíticas) eram na maioria das vezes considerados arruaceiros.

Quando ocorreu a expulsão oficial dos jesuítas do Brasil, foi então, instituída a escola pública, mantida pelo subsídio literário que era um imposto especial, com finalidade específica. Não havia porém, professores, o que levou o ensino a decadência total.

Por volta de 1789 em Olinda era criado o Seminário de Olinda, destinado a formação de clérigos e leigos. Nesse seminário introduziu-se algumas disciplinas antes desprezadas ou esquecidas propositalmente pelos jesuítas, como: História, Geometria, História Natural, Cronologia e Desenho, além das disciplinas tradicionais. Vale ressaltar que egressos desse seminário se tornaram líderes da Revolução de 1817.

O ensino gratuito não é privilégio da atual Constituição do Brasil, pois a Constituição outorgada por D. Pedro I em 1824 já estabelecia o ensino primário gratuito e atribuía a qualquer pessoa o direito de abrir escola, não se exigindo qualquer requisito cultural desse cidadão como educador (Art.

179, p. 32). Mesmo assim, tudo permaneceu como estava, somente a partir de 1827 com a primeira lei orgânica do ensino é que a educação do povo brasileiro começava a tomar novos e retardatários rumos.

Com essa lei orgânica, tinham os professores que ensinar a ler e escrever, proporcionar aos meninos a compreensão dos princípios morais e cristãos, preferindo trabalhar a leitura baseada na Constituição do Império e na História do Brasil.

Mas a partir do Ato Adicional de 1834 sem preparo de professores e sem recursos financeiros próprios, as províncias elitizaram mais ainda o processo educacional, o que levou o país a uma desagregação quase que total.

Verificou-se mais uma vez que sem dinheiro, sem professores, sem métodos de ensino e sem nenhuma diretriz educacional o nosso povo ficou a flutuar muito distante de um mundo civilizado.

Fato que mereceu destaque na história da educação do Brasil foi a criação de uma escola para formação de professores no Rio de Janeiro - 1835 - Período Regencial. Esta escola não possuía docentes e o diretor acumulava os cargos de administrador, coordenador e professor de sala de aula. O que se tornava ridículo eram as qualidades exigidas para ser educando deste estabelecimento: ser maior de 18 anos, alfabetizado, ter bons modos e querer educar a outros dentro dos princípios da sã moral. Porém, 5 (cinco) anos depois, este estabelecimento fechava por não cumprir sua missão. Alegou-se que a mesma não criava em seus alunos hábitos de bons costumes, de retiro, ordem, modéstia e obediência.

Durante o Segundo Reinado, a decadência do ensino era processo contínuo e progressivo, as escolas deixavam de lado todo e qualquer assunto histórico que tentasse colocar o homem da época ao par da situação em que se encontrava o país.

Somente em 1859 é que voltou-se a ministrar aulas de História em uma escola normal do Rio de Janeiro, mas sem esquecer que esta disciplina deveria ser trabalhada da forma mais tradicional, isto é, mostrando que a educação deve servir ao sistema dominante.

Por volta de 1878 uma reforma no ensino dava mais liberdade à educação, principalmente aos estudantes das escolas particulares, contudo, vale ressaltar aqui, que a educação do Brasil jamais levou em conta a educação popular, a educação necessária e prática à vida do cidadão, isto deve-se a própria situação de ser o Brasil, um país colonizado, assentado sob o regime de latifúndios, na monocultura e no trabalho escravo, seja ele de índios, negros ou brancos, onde o que prevaleceu sempre foi a manutenção da ignorância, até mesmo como forma e preservar as condições e o *status quo* do imigrante europeu.

Em 1889 com a Proclamação da República, muda no país o sistema de governo, porém na educação, principalmente ao que tange a História tudo permanece na mesma, ou seja a educação atendia apenas ao interesse da elite dominante, pois o próprio golpe mostrava ter sido um rearranjo da elite no poder, não tendo sido uma exigência do povo, a educação popular permaneceu onde sempre esteve: era estaca zero. José Veríssimo faz uma citação a respeito desse momento "Uma reforma profunda na educação pública e nacional presume uma reforma igualmente radical". (VERÍSSIMO, apud Nielsen, p. 287).

Sabe-se que não houve nem uma coisa nem outra, o ensino representou apenas o reordenamento do poder.

Como a situação do ensino no país apresentava-se de forma caótica o ministro da Instrução Pública chegou a pensar e dizer em discurso que se uma reforma radical não acontecesse na educação era melhor aboli-la por completo. O próprio Veríssimo completou esse questionamento quando cita:

"O ensino que nele se ministra é defeituoso, falho e improfícuo. Além da manifesta incompetência, não só profissional, mas moral, de muitas lentes do nosso ensino superior e secundário, que são ludíbrio dos alunos e escárnio do mesmo ensino, da sua falta de assiduidade e da sua impontualidade enormes em todos os estabelecimentos, muitos deles, não só com violação da lei, mas ofensas da moral, abrem cursos particulares bem-remunerados, onde os seus próprios alunos tratam de ir aprender aquilo que eles deveriam ensinar-lhes nas aulas oficiais, cursos cuja freqüência lhes é uma garantia de aprovação. O governo sabe disto e medida alguma até hoje tomou para impedir tão indecoroso abuso. (NIELSEN, op. cit. p. 287)

Ainda informa José Veríssimo que uma reforma no ensino não deveria limitar-se a legislação, mas fundamentalmente atuar na mentalidade do país e aduzia:

"(...) nas nossas escolas a geografia é uma nomenclatura de nomes europeus principalmente; a geografia pátria, quase impossível de estudar pela ausência completa dos elementos indispensáveis, (...) a história pátria em geral existe apenas nos programas e, quando excepcionalmente ensinada cifra-se na decoração ininteligente de péssimos compêndios tão feitos para despertar os sentimentos nacionais como se se tratasse da história do Congo; (...) São escritores estrangeiros que, traduzidos, transladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da nossa mocidade. Seja-me permitida uma recordação pessoal. Os meus estudos feitos em 1867 a 1876 foram sempre em livros estrangeiros. Eram portugueses e absolutamente alheios ao Brasil os primeiros que li (...) e ainda hoje (1905) a maioria dos livros de leitura se não são estrangeiros pela origem, o são pelo espírito." (NIELSEN, op. cit. p. 288)

De um lado tem-se o ensino da História como retrógrado e apegado aos senhores do poder, "a classe dominante (obviamente não de uma forma monolítica ou articuladamente intencional), ao mesmo tempo que intervém nos acontecimentos, ao procurar criar condições para sua própria dominação , tentar contar a história de seu jeito, isto é, selecionando o que deve ser dito, os agentes sociais que devem ser lembrados, e os que devem ser apagados da memória social. Procura com isso ocultar a diferença e a contradição das relações sociais. Quando propomos que se repense a produção dessa história, longe de adotarmos uma atitude de neutralidade, estamos trazendo à tona aspectos, fatos, agentes sociais que permitem demonstrar a trama dessa dominação ..."

(BORGES, p. 34)

É imprescindível que a história dos homens como experiência vivida, revestida de algumas características fundamentais. Trata-se em primeiro lugar, de uma experiência que só pode se desenvolver socialmente, isto é, com a contribuição solidária dos diversos segmentos de um conjunto humano determinado, afora ser social e, por isso mesmo, todos os homens, embora de modo distinto são partícipes e responsáveis pelo desenrolar da experiência, da vida do grupo; a vida humana, e por extensão a de uma realidade qualquer, é, no fundo, um continuado esforço de sobrevivência e reprodução, isto é, de continuidade da vida.

"Essa história que exclui a realidade do aluno , que despreza qualquer experiência da história por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo... Essa história torna 'natural' o fato de o aluno não se ver como agente histórico, torna-o incapaz de colocar questões ou de perceber os conhecimentos que, a partir das suas experiências individuais, possam ser base de discussão em sala de aula. É o famoso divórcio entre a escola e a vida e que expressa a grande despolitização do ensino." (Id Ibid, p. 21)

Como todos os ramos do saber, a História precisa desempenhar sua função como defensora da verdade e do progresso, 'conhecer o passado para não errar no futuro', desmacarando manipulações, denunciando opressões, e aplaudindo decisões e caminhos que levaram o homem a ser mais humano mais livre e mais feliz.

"É preferível 'pensar' sem disso ter consciência crítica de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, 'participar' de uma concepção do mundo 'imposta' mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos vários grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na 'atividade intelectual' do vigário ou do velho patriarca, cuja 'sabedoria' dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas, ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação) ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, por tanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?"

(GRANSCI, p. 216)

O futuro cidadão precisa poder ler sua realidade nas entrelinhas dos fatos do passado e do presente, a produção de sobrevivência mais humana que faz a dimensão social do homem tornar-se história.

"A educação é o processo concreto de produção histórica da existência humana. O constituinte radical e último deste processo de produção da existência humana é a forma de relação da pessoa com o mundo, com os outros e consigo mesma. Esta relação é determinada pelo lugar que se ocupa no mundo do trabalho. Qualquer intervenção educativa só toma sentido na medida em

que contribui para este processo concreto e histórico da produção material da existência." (WITTMANN, p. 66)

Cabe à História, enquanto Ciência, a tarefa de, reconhecendo estas características da experiência vivida, descrever e explicar o desenvolvimento contraditório e dialético destas forças antagônicas que resultam exatamente na construção da sociedade através do tempo. Uma história que se pretenda crítica tem precisamente que desenvolver um esforço no sentido de aprender a realidade em sua totalidade em sua contraditoriedade. Nestes termos, a explicação histórica não pode ser simplista e linear, a compreensão da contradição e do caráter multifacelado da realidade se impõem de forma muito especial.

Embora em alguns momentos, se possa reconhecer o avanço da produção científica no Brasil, a situação do ensino de História continua problemática, quando não calamitosa. Os livros-textos continuam via de regra, repetindo uma história vi-ciada, rançosa e que impede a compreensão da complexidade efetiva de uma sociedade real. O texto dos livros-texto, constitui-se num mundo irreal e do faz-de-conta, onde os bons (representantes da classe dominante) sempre vencem os maus (a massa dos dominados), numa visão ideologizada das relações sociais, e que atua no sentido de reforçar a dominação e o imobilismo dos segmentos dominados.

Quando o livro-texto é de melhor qualidade no sentido de representar um esforço de compreensão da História enquanto globalidade, cabe ao aluno tarefa inglória de "digerir" uma massa de informações interessantes, mas que não lhe permitem entender a lógica, o dinamismo da História enquanto experiência de vida. O texto se apresenta como fruto acabado de um esforço do outro. Exemplo deste fato, vê-se na expressão do livro-texto de Osvaldo Rodrigues de Souza, "A Guerra do Contestado".

"No Estado de Santa Catarina, divisa com o Paraná, surgiu um reduto de fanáticos religiosos, contrários ao regime republicano. Seus chefes eram os



'monges' João Maria e, depois da sua morte, José Maria. Vários ataques foram efetuados contra eles, com o fim de dispersá-los, e muitos deles foram mortos. No governo de Wenceslau Brás esse reduto foi definitivamente exterminado." (SOUZA, p. 99)

O ensino da História precisa enfrentar desafios para melhor desenvolver no aluno a capacidade de entender os acontecimentos históricos em sua dimensão dinâmica, de processo, onde tudo está profundamente implicado e interdependente, e especialmente o fato de que um acontecimento qualquer tem em si uma dinâmica que é da própria construção/constituição.

Diante destas observações faz-se necessário algumas considerações sobre a história do município de Canoinhas, a fim de que se possa saber até que ponto os estudantes conhecem esta história.

## 1.2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CANOINHAS (Segundo anotações não datadas da autora)

### 1.2.1 - PRIMÓRDIOS

"Região conhecida desde os fins do século XVIII e princípio do século XIX, o planalto norte catarinense deve seu desbravamento ao comércio de gado e ao seu transporte do sul para o centro e o leste do Brasil, como abastecimento notadamente às regiões de mineração, surgindo assim, com a movimentação dos rebanhos, "as vacarias dos pinhais", no planalto meridional brasileiro, através das veredas abertas nas matas, onde predominava o pinho. Abrindo novos horizontes ao pioneiro, ao longo dessas veredas foram nascendo "pousos", "estâncias", "invernadas" e "registros", fazendo surgir um complexo sócio-econômico que, em verdade, foi a

base da subsistência de toda a região: o comércio de gado e o tropeirismo. A abertura da "Estrada da Mata", concluída em 1829 e que cortava os atuais municípios de Papanduva, Major Vieira e Monte Castelo e atravessava o Passo de Canoinhas, assim chamado em razão de sua travessia ser feita através de pequenas canoas, apesar de existir outra versão para o nome de Canoinhas a de que a palavra se originou da língua indígena *Canoges mirim*, que significa canoa pequena, em oposição ao *canoges*, atual Rio Canoas no sul do Estado. Esta travessia, que acontecia pouco abaixo da foz do rio da Areia, atraiu o homem a fixar-se na região, como já vinha ocorrendo junto ao Rio Negro, no ponto em que este era cruzado pelo caminho Lages-Sorocaba, onde fora erguida a 'capela da estrada da mata', que deu origem as cidades de Rio Negro e Mafra".

Anos depois, ainda no século passado, instalavam suas moradas no Passo de Canoinhas, os pioneiros Francisco de Paula Pereira e Eugênio de Souza, dando assim, início a um futuro povoado em território então pertencente ao município de Curitiba-nos.

Mais tarde, juntaram-se a eles outros pioneiros, entre os quais encontravam-se: João Mariano da Luz, José Romão Nogueira, Liberato Ferreira, Manoel Gravi, Manoel Ferreira de Lima e Camilo Carneiro, que foram seguidos por muitos outros.

"Estes pioneiros se entregaram a extração da erva-mate madeira, transformaram esta pousada em um povoado que lhes garantia a subsistência e proporcionava o progresso, resultado desse trabalho foi a elevação do povoado a categoria de distrito, a 3 de julho de 1902 sob a denominação de Santa Cruz de Canoinhas." (AURAS, p.32)

### 1.2.2 - A HISTÓRIA

Localizado na divisa interestadual com o Paraná, determinada pelo próprio rio Canoinhas, o distrito viu seu desenvolvimento prejudicado e retardado, em razão da disputa de limites entre Santa Catarina e o vizinho Estado do Paraná, que tornou a região à época conhecida como "Contestado".

"Em 18 de julho de 1890, um grupo de catarinenses residentes na Capital Federal encaminhara ao Chefe do Governo Provisório uma moção em que solicitava que fossem 'marcados e determinados pelo Governo os limites entre os dois Estados'. Cansados de aguardar uma solução para a qual nunca se tinham resposta e diante da nova situação criada pela incorporação de Palmas ao Brasil, fato que dava nova dimensão à questão do Contestado, uma vez que mais terras teriam de ser repartidas entre os estados litigante, decidiu o governo de Santa Catarina procurar outra solução judicial para o caso, que deveria ser encaminhada ao Supremo Tribunal Federal como recurso final para disputa. A ação teve início em 1900 e somente em 1904 é que o Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa ao Estado de Santa Catarina. O Paraná não se conformou com o resultado e protelou a execução da sentença. Em 1909 nova decisão favoreceu Santa Catarina".

(THOMÉ, p.26)

Mesmo assim, de forma lenta, o distrito de Santa Cruz de Canoinhas continuava seu progresso e em 1911 sua sede contava com 60 (sessenta) casas, com sua população vivendo basicamente da exploração da erva-mate, madeira, agricultura e pecuária.

É nessa época, 1911 que se estabelece na zona contestada, mais precisamente na região de Três Barras, hoje município limítrofe de Canoinhas, uma associada da Brazil Railway Compa-

ny, grande empresa madeireira - a Lumber - cujo proprietário era Percival Farquhar, propondo-se a efetivar seu plano de colonização firmado no contrato da construção da ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul. Esse visava a exploração (devastação) de 15 (quinze) quilômetros de cada lado da linha implantada, sem que fosse tomada em consideração a posse efetiva de parte dessa área por fazendeiros já estabelecidos na região muito antes de se cogitar a abertura dessa Estrada.

Enquanto os governos do Paraná e Santa Catarina aguardavam a solução definitiva do litígio sobre os limites, através do cumprimento das decisões do Supremo Tribunal Federal, um facto novo surgiu na região, em 1912, e veio contribuir para prolongar por mais alguns anos o final da disputa judicial entre as duas unidades da Federação.

Durante o II<sup>o</sup> Reinado , os habitantes do planalto, tanto na parte catarinense como na do Paraná, tomaram conhecimento das andanças de um monge italiano, João Maria de Agostini, que por muitos anos conviveu com os habitantes da região, sem paragem certa e pregando um catolicismo rudimentar, mas de contexto adequado para conquistar a confiança da gente simples e humilde dos lugares por onde passava. Espalhou-se a veneração por sua pessoa e houve quem lhe atribuisse até mesmo a prática de milagres.

Assim como aparecera, acabou partindo para local ignorado, deixando atrás de si a fama de santo entre a população que o havia conhecido.

"No período republicano, surgiu outro monge, que adotou mesmo nome do anterior, atuou principalmente na região compreendida entre os rios Iguaçu e Uruguai. Na realidade tratava-se de um estrangeiro, partidário dos federalistas do Rio Grande do Sul na sangrenta campanha militar que se prolongou de 1892 a 1895. Sua pregação não teve maiores conseqüências do que reavivar no povo a lembrança do primeiro João Maria, verdadeiro santo na rude con-

cepção dos que cultuavam a sua memória. Para agravar a situação, a ferrovia, de acordo com as cláusulas de seu contrato com o governo ficaria de posse de 15 (quinze) quilômetros de cada lado dos trilhos assentados. Ocorria, contudo, que uma parte delas já possuía proprietários estabelecidos há muitos anos nessas paragens".

(QUEIROZ, p.67)

Os 'coronéis' donos de fazendas começaram a se preocupar diante do crescimento inesperado daquela grande massa de desocupados que, errando de pouso em pouso, não exitavam em invadir propriedades para poderem sobreviver.

É nessa ocasião que surge um terceiro 'monge', na pessoa do desertor do exército e da polícia paranaense, Miguel Lucena de Boaventura, que se inculcou entre a gente do lugar como José Maria de Santo Agostinho. Era um tipo esperto, alfabetizado, e não trepidou em declarar-se sobrinho do primeiro João Maria. Agindo com grande desembaraço, arvorou-se não só em curandeiro e profeta, como igualmente, em partidário da monarquia, com pretensões de mais tarde ser ele o monarca. Na qualidade de ex-soldado começou a agrupar os numerosos crentes que começaram a ouvir suas pregações em grupos semi-militarizados.

"Em meados de 1912, já conseguira reunir em Taquaruçu, município de Curitiba grande número de seguidores em sua maior parte gente expulsa das terras, os trabalhadores desempregados da construção da ferrovia, e os que, de boa fé, o aceitavam como legítimo sucessor de 'São João Maria'.

(CABRAL, p.180)

Os fazendeiros e as autoridades locais seriamente preocupados com as intenções daquela gente, procuraram obter seu afastamento deslocando para as proximidades do acampamento alguns contingentes policiais. A muito custo conseguiram convencer José Maria a deixar o local com seus seguidores e buscar outras paragens. Abandonando Taquaruçu, atravessaram o rio do Peixe e passaram para a zona do Contestado que estava sob a jurisdição do Paraná - os campos de Irani.

Esse deslocamento provocou imediata reação dos paranaenses, que viram na transferência apenas uma manobra de invasão catarinense, tendente a favorecer as pretensões de Santa Catarina.

Quando as forças legalistas começaram a aumentar seus contingentes no Contestado, os rebeldes adotaram de imediato a tática de se espalhar, criando numerosos redutos e passando à ofensiva em locais, tais como nas proximidades da linha férrea, levaram sua audácia ao extremo quando atacaram as vilas de Curitiba e de Canoinhas, além de incendiarem instalações da poderosa Lumber - Três Barras - e se apoderarem da estrada de ferro.

Em outubro de 1912, tropas do exército comandadas pelo Coronel João Gualberto, marcharam para atacar o reduto do 'monge' José Maria. Foi nesse combate que tombaram mortos o próprio Coronel, dois sargentos, três cabos, um anspeçada e quatro soldados que lutavam pelas forças legalistas, por outro lado, tombava entre os caboclos o seu líder espiritual e político, o 'monge' José Maria, que neste momento levava consigo a imagem de seu santo protetor "São Cristóvão".

Contudo, a luta do Contestado e a história da região não acabava aí.

Em 1914, uma ação depredadora dos caboclos se intensificou com o aparecimento de novos redutos e novas lideranças entre eles. Um grupo liderado por Bonifácio Papudo do Reduto de Paciência prepara-se para atacar Canoinhas.

José Octaviano Pinto Soares, à época 2<sup>o</sup> Tenente, mais tarde escreveu sobre este ataque no seu livro "Guerra em Sertões Brasileiros":

"Tavares e Bonifácio, á frente de uns 500 homens, atacaram a povoação, na madrugada intensamente escura e tempestuosa de 14 de julho fogo até o

clarear do dia, quando os atacantes, convencidos da impraticabilidade do assalto, bateram em retirada com sensíveis perdas, abandonando, ensangüentadas, as carroças que haviam levado 'para conduzirem o armamento e a munição da gente do governo', e que foram encontradas pela exploração, na manhã de 15". (SOARES, apud THOMÉ, p 6)

Enquanto isso, a vila de Calmon é invadida e a serraria da Southern Brazil Lumber & Colonization (subsidiária da Brazil Railway Company, construtora da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande) é incendiada, "atingindo um prejuízo de US\$ 243.780.312". (AURAS, p.102)

"Esse ataque à Lumber, considerada na época a maior serraria da América do Sul, mostrado como uma ação de xenofobia daqueles caboclos. Entretanto, há outra explicação: em primeiro lugar, considerando-se que o pinheiro, na época, não tinha valor econômico e na ocasião de formar pastagens era, facilmente, vendido pelos proprietários locais àquela empresa. O ataque fora fruto de uma idéia que se firmara, erroneamente, a partir das medições da concessão de terras da Brazil Railway, pela qual coubera à Lumber várias glebas. Por outro lado, era a forma de retrucar a ação policial da 'guarda particular' daquela empresa.

(Id. Ibidem p.105)

No ano de 1915, novo líder caboclo, Adeodato Manoel Ramos consegue reunir 1.000 rebeldes esfaimados que acabam por se entregar em Canoinhas às tropas do exército que aqui haviam acampado.

"Em maio de 1915, o exército deu por encerrada a Campanha, e Canoinhas assistiu o embarque das tropas, de volta aos quartéis de origem ... e a chegada de forças policiais catarinenses que passaram a policiar a região, juntamente com pequeno destacamento militar que havia ficado por ordem do General

Setembrino. Os combates, ainda que em menor escala e mais esporádicos, continuaram ocorrendo até meados de 1916, quando então cessaram definitivamente as lutas. (THOMÉ, p. 9,)

Enquanto esses fatos ocorriam, faz-se necessário voltar-se ao ano de 1911, quando através da Lei Estadual nº 907, de 12 de setembro de 1911, foi o distrito de Santa Cruz desmembrado do município de Curitibaanos, ganhando sua autonomia e passando a ser município de Canoinhas, denominação que conserva atualmente, embora tenha tido por alguns anos (1923-1930), o nome de Ouro Verde.

Tendo como seu primeiro prefeito o Major Thomas Vieira; essa autonomia veio trazer um maior desenvolvimento ao novo município, cujo povo firmou sólida posição em favor de Santa Catarina na questão do Contestado, o que levou, posteriormente a adornar o brasão da cidade com a legenda "*Catharinensis Semper*". Com o acordo de 1916, que encerrou a questão dos limites, o progresso de Canoinhas passou a ganhar um maior impulso. Pouco antes, inclusive a 2 de agosto de 1913, pela Lei Estadual nº 954, Canoinhas já havia sido promovida a sede de comarca dos distritos de Papanduva, Três Barras, Major Vieira, Monte Castello, Paula Pereira, Pinheiros, Marcílio Dias, Felipe Schmidt e Bela Vista do Toldo, fator esse que demonstra seu progresso.

Somente a 23 de agosto de 1923, quando o senador Ivo D'Aquino era seu prefeito, ganhou Canoinhas foros de cidade, passando a chamar-se Ouro Verde, em razão de sua principal riqueza, a erva-mate. A cidade conservou esse nome até 1930, quando a revolução e a entrada de Getúlio Vargas à presidência da República, voltou a chamar-se definitivamente de Canoinhas.



### 1.2.3 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O HABITANTE DO MUNICÍPIO DE CANOINHAS

A ocupação progressiva do planalto catarinense foi acontecendo através do tropeirismo, da pecuária extensiva, do extrativismo predatório olhando-se os parâmetros econômicos.

Informações obtidas através de conhecedores mais antigos da região contam que o "homem chegou ao território do Contestado por diversos caminhos e em sucessivas e intercaladas levadas migratórias, disputando palmo a palmo o chão com os índios *Kaigang* e *Xokleng*.

"Partindo-se dessas informações pode-se então fazer uma relação dos habitantes da região nesse período:

- .alguns grupos indígenas de remanescentes tribos Guarani e Kaigang;
- .família de ex-trabalhadores da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande;
- .antigos caboclos, oriundos das frentes expansionistas paulistas;
- .remanescentes da Revolução Farroupilha e Guerra do Paraguai;
- .grupos isolados de imigrantes poloneses e alemães, que imigravam via Paraná para o sertão do Contestado, e;
- .fazendeiros, caudilhos gaúchos, com posses de grandes fazendas. O habitante dessa região - Contestado - é mescla de vários grupos humanos, de diferentes formações e origens, uma mistura entre o homem da serra e o campo mais ligado a pecuária e do homem do mato, mais ligado ao extrativismo". (THOMÉ, p.107)

São na sua maioria descendentes de tropeiros que não tiveram professores, e muito menos escola: não tinham médicos e utilizavam a medicina caseira; a religião era a tradicional apesar de pouco se ver nessa região um padre.

Abandonado a própria sorte, formou uma sociedade solidária, fortemente ligada pelo compadrio, com valores morais próprios, onde o ultraje à honra individual ou familiar era lavado com o sangue do ultrajante. E, religiosamente, preso a ortodoxia católica, advinda dos ancestrais, era facilmente conduzido pelo misticismo e despojado dos ensinamentos básicos dos seus valores complexos para aquelas mentalidades simples.

Esse foi o homem, ambiente cultural que forneceu os ingredientes ao Contestado - caboclo, matuto fanático a grande vítima, pois a Nação Brasileira e os Estados de Santa Catarina e do Paraná até então não solucionaram as suas necessidades sociais.

Após o término dos combates da Campanha do Contestado, a ferrovia passou à fase de colonização, promovendo a instalação de núcleos poloneses, alemães, árabes, italianos, ucranianos e outros que se intercalaram nos povoados (distritos) e na sede do município de Canoinhas.

A história não pode ser só a narração de fatos do passado distorcidos e intencionalmente organizados de forma que informem sem informar, fazendo da "Mestra da Vida" um instrumento massificante e conservador.

"Hora se há uma relação de dupla mão entre passado e presente, entendemos que a História deveria ter uma vocação, a vocação de ser crítica, e ser crítica significa no nosso modo de pensar, levar os alunos a compreenderem o que são e o que não são, a perceberem que História é mudança, transformação; a perceberem que, se existem fatores que permanecem, devemos entender porque permanecem, explicar as razões dessa permanência."

(PROPOSTA CURRICULAR, p. 25)

Na busca compulsiva de sua realização a Humanidade vai formando o texto da história, e este texto é fruto de um contexto, e não de generais, heróis ou poetas.

O futuro cidadão precisa poder ler sua realidade nas entrelinhas dos fatos do passado e do presente, a produção de sobrevivência mais humana que faz a dimensão social do homem tornar-se história.

Num esforço de sobrevivência e reprodução, os homens desenvolvem uma luta no sentido de crescente dominação da natureza que se expressa no avanço da ciência e da tecnologia e, simultaneamente, numa luta entre os homens que objetiva a apropriação dos benefícios resultantes do domínio sobre a natureza. Como se pode observar, a luta com a natureza ou entre os homens é um fator sempre presente. Esta é uma característica peculiar à história dos homens, que se constrói através da luta, da oposição de interesses contrários. Da luta entre os homens é que se estabelecem relações de dominação e subordinação. O antagonismo presente nestas relações constitui-se no elemento dinâmico da História enquanto experiência concreta dos homens.

### 1.0 - DELINEAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa é resultado de um projeto de levantamento com estudo de campo do gênero teórico.

#### 1.1 - DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO E DA AMOSTRA

Apresentam-se a seguir a população e suas características, a amostragem, os instrumentos utilizados durante a pesquisa, bem como a forma como foi feita a coleta, tratamento e análise dos resultados.

Trata-se de um trabalho bastante descritivo, onde foram usados dados predominantemente qualitativos, tendo sido empregadas diferentes fontes de informação: observação sistemática, entrevistas semi-estruturadas, instrumento de coleta com questionário para os estudantes.

Na pesquisa de campo foram utilizados vários instrumentos tais como: a) Roteiro e registro de informações (Anexo I); b) roteiro de entrevistas com alunos, professores e pessoas da comunidade canoinhense (Anexo II); c) questionário aplicado a alunos (Anexo III); visando obter informações sobre o conhe-

cimento e a vivência dos estudantes na História do Município de Canoinhas.

#### 1.1.1 - LOCAL

A pesquisa foi efetuada na cidade de Canoinhas, Estado de Santa Catarina.

#### 1.2.2 - UNIVERSO

Foram pesquisados os estudantes e professores de 1º Grau do Município de Canoinhas.

#### 1.1.3 - AMOSTRA

Foram pesquisados 124 (cento e vinte e quatro) alunos e 16 (dezesesseis) professores de 1ª a 8ª série de duas escolas públicas, uma de centro e outra de periferia, escolhidos por sorteio aleatório simples.

### 1.2 - MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

A população, objeto do estudo se constitui de estudantes das terceiras, sextas e oitavas séries do 1º Grau de duas escolas da rede estadual de ensino, escolhidas de forma aleatória, procurando atingir os diversos níveis sócio-econômicos, para tanto tomou-se alunos dos períodos diurno em uma escola e diurno/noturno, em outra.

Foram escolhidas estas, entre as demais séries por terem no ano e série anterior, como conteúdo programático a História do Município, Movimentos Libertários e História Contemporânea do Brasil.

Fez parte da pesquisa em uma primeira etapa a aplicação de um questionário, observações e entrevistas aos estudantes e professores que atuam de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série e aos da área de Estudos Sociais - 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série.

Noutra etapa da pesquisa, após tratados os dados fornecidos pelos alunos, buscou-se as pessoas que estes indicaram como conhecedoras da História do Município. Surgiram então: professoras, ex-professores de Escolas Isoladas e do interior do município, jornalistas, advogados, donas de casa, agricultores, operários e ex-prefeitos de Canoinhas, cujas entrevistas mais significativas estão colocadas em anexo.

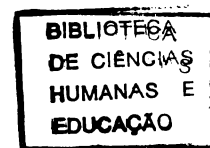
Diante deste quadro e visando ampliar as informações já coletadas, procurou-se trabalhar por meio de entrevistas, com uma representação a mais e com diferentes sujeitos nesta amostragem no sentido de permitir maior entendimento dos fatos históricos.

Foram aplicados 124 (cento e vinte e quatro) questionários a alunos, 24 (vinte e quatro) roteiros de entrevistas. A variação das situações trabalhadas possibilitou a obtenção de um quadro bastante rico de informações para o que propôs-se estudar.

Embora tenha-se privilegiado as respostas dos questionários, tentou-se na medida do possível atingir outros segmentos e atividades da vida escolar, tais como reuniões formais de alunos e professores, observações dentro e fora de sala de aula, entrevistas e conversas em eventos do cotidiano.

A pesquisadora organizou-se para realizar este trabalho em 03 (três) etapas, sendo feito o revisamento de horários para atingir os diversos turnos de funcionamento.

Seis (06) foram as turmas observadas que ficaram assim distribuídas:



- Uma 3<sup>a</sup> e uma 8<sup>a</sup> série no período matutino;
- uma 3<sup>a</sup> e uma 6<sup>a</sup> série no período vespertino; e
- uma 6<sup>a</sup> e uma 8<sup>a</sup> série no período noturno.

As Unidades Escolares foram denominadas durante os trabalhos de Escola Água e Terra por escolha em votação dos estudantes.

As pesquisas foram realizadas no período de 20 de maio a 20 de agosto, perfazendo um total de aproximadamente 96 (noventa e seis) horas de pesquisa e observação.

O registro das observações foi feito de forma cursiva, descrevendo as citações, falas e opiniões dos entrevistados. Para os últimos, seguiu-se um roteiro com a finalidade de captar a história mais real possível.

É importante aqui ressaltar a caracterização das escolas-alvo da pesquisa.

#### CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA ÁGUA

A Escola Água situa-se numa das áreas mais populosas do município de Canoinhas, é constituída de uma população predominantemente pobre. A escola atende a maioria das crianças carentes da referida área.

Esta unidade de ensino localiza-se aproximadamente a 300 (trezentos) metros do marco inicial de fundação da cidade (Anexo IV).

O acesso a escola é facilitado em parte por estar na avenida principal do bairro e ao mesmo tempo dificultado por ser esta avenida um dos acessos mais movimentados e perigosos para a BR 280.

Para maior segurança dos estudantes e dos professores existe de prontidão em frente ao pátio, um carro da Rádio Patrulha.

A Escola Água foi criada em 1953 e em 1988, para atender as necessidades e anseios da população iniciou suas atividades como escola Básica, funcionando nos 03 (três) turnos escolares.

### CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA TERRA

A Escola Terra localiza-se na linha divisória do centro com os bairros Tricolin e Sossego. É de fácil acesso, ladeada de ruas largas e de intenso movimento.

Sua população é formada por alunos vindos de uma classe média mais favorecida, no entanto atende um número muito grande de crianças vindas de uma das favelas do município.

Distante aproximadamente 500 m (quinhentos metros) de um antigo ramal da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, apesar deste ter sido construído após os movimentos da Guerra do Contestado. Tanto o Ramal como a Estação de Trem foram desativadas e posteriormente destruídas para dar lugar à Praça do Contestado e a atual e gigantesca Prefeitura Municipal respectivamente. (Anexo V e VI)

#### 1.3 - DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos para a pesquisa de campo foram levados para a apreciação de três especialistas que sugeriram aplicação prévia para testagem dos mesmos. Obtidos estes resultados verificou-se a necessidade de alteração e aprofundamento em um ou



tro ponto, tornando mais adequado a comunicação e a construção das necessidades da pesquisa.

Procurou-se a união dos instrumentos utilizados como um resultado único e estes formaram um todo, pois ora os questionários eram complementados por entrevistas, ora por opiniões e/ou anotações, tomando-se o cuidado para não utilizar nenhum deles isoladamente.

A parte inicial de cada instrumento foi preenchida com a identificação do estabelecimento, para permitir, por ocasião da análise a classificação das condições sócio-econômicas e filiação dos pesquisados.

Cabe esclarecer que antes da aplicação dos instrumentos, procurou-se através de conversa informal com os diretores das escolas em questão, sondar a aceitação da pesquisa.

#### 1.4 - DESCRIÇÃO DA COLETA DOS DADOS

Posteriormente a testagem dos instrumentos e suas devidas reformulações, os mesmos foram considerados viáveis de aplicação.

Tomou-se as primeiras providências no mesmo sentido de aplicar os referidos instrumentos para obter informações relativas ao conhecimento histórico do aluno e do município, segundo os objetivos da pesquisa.

Sendo assim, foram enviados ofícios aos diretores das escolas e professores regentes das turmas onde aconteceria a pesquisa.

No conteúdo dos ofícios encaminhados aos diretores, além do pedido de autorização para aplicar os instrumentos, solicitou-se também o sigilo sobre o tema da pesquisa, a fim de evitar que o aluno fosse induzido a respostas pré estudadas.

Previsto para início do mês de maio, a pesquisa só foi possível vinte dias depois, devido a interrupção do período letivo por causa das enchentes. Fato este que influenciou na pesquisa devido a prejuízos materiais sofridos pelos familiares dos estudantes.

## CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS

### 1.0 - TRATAMENTO DOS DADOS

Nesta etapa da pesquisa, por processo manual, foram selecionadas as opiniões da população, seguindo a ordem das questões do instrumento Anexo III, e, de acordo com os estabelecidos selecionados.

Com os dados obtidos foram elaboradas tabelas evidenciando respostas e percentuais no que se refere a cada área relativa ao conhecimento da história do município.

A análise e interpretação dos resultados obtidos foi feita com base nos dados constituintes das respectivas tabelas, entrevistas e anotações, segundo o ponto de vista dos pesquisadores.

As correlações existentes entre um resultado e outro, no entender da pesquisadora teriam sido em grande número e de maior amplitude, porém os mesmos requeriam disponibilidade de maior espaço de tempo para aprofundar os estudos, buscando nas raízes, resultados mais apurados e genuínos.

## 2.0 - EVIDENCIAÇÃO DOS RESULTADOS

Tabela I - Sexo Faixa Etária e Unidade Escolar

Unidade escolar	sexo Faixa Etária	Masculino		Feminino		Total	
		F	%	F	%	F	%
Escola Água	8 a 11 anos	11	18,9	13	22,5	24	41,4
	12 a 15 anos	10	17,3	02	3,4	12	20,7
	16 a 21 anos	14	24,1	08	13,8	22	37,9
	Total Parcial	35	60,3	23	39,7	58	100,0
Escola Água	8 a 11 anos	11	16,7	13	19,7	24	36,4
	12 a 15 anos	20	30,3	16	24,3	36	54,6
	16 a 19 anos	03	4,5	03	4,5	6	9,0
	Total Parcial	34	51,5	32	48,5	66	100,0
TOTAL		69	55,6	55	44,4	124	100,0

Legenda: M = MASCULINO  
F = FEMININO

Tabela II - Local de nascimento dos estudantes pesquisados

Cidades	F	%
Canoinhas - SC	104	83,8
Três Barras - SC	04	3,3
Rio Negro - Pr	04	3,3
Mafra - SC	02	1,6
Curitiba - Pr	02	1,6
Cruz Alta - RS	01	0,8
Major Vieira - SC	01	0,8
Presidente Getúlio - SC	01	0,8
Bituruna - Pr	01	0,8
Palmas - Pr	01	0,8
Guarapuava - Pr	01	0,8
São Mateus do Sul - Pr	01	0,8
Mallet - Pr	01	0,8
Total	124	100,0

Tabela III - Formação Étnica dos estudantes do Município de Canoinhas

MÃE	CAB		POL		POR		ALE		UCR		JAP		ITA		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%	F	%
CAB	03	2,4	01	0,8	02	1,6	04	3,2	02	1,6	01	0,8	01	0,8	14	11,3
POL	03	2,4	09	7,2	02	1,6	04	3,2	03	2,4	00	0	03	2,4	14	11,3
POR	02	1,6	03	2,4	00	0	03	2,4	01	1,8	00	0	02	1,6	11	8,9
ALE	08	6,4	03	2,4	03	2,4	09	7,2	04	3,2	00	0	02	1,6	11	8,9
UCR	01	0,8	05	4,1	03	2,4	01	0,8	03	2,4	00	0	01	0,8	14	11,3
ESP	03	2,4	00	0	02	1,6	00	0	00	0	00	0	00	0	05	4,0
ITA	01	0,8	02	1,6	05	4,1	03	2,4	02	1,6	00	0	03	2,4	16	12,9
IND	02	1,6	02	1,6	04	3,2	03	2,4	00	0	00	0	00	0	11	8,9
Total	23	18,5	25	20,1	21	16,9	27	21,7	15	12,0	01	0,8	12	09,6	124	100,0

## LEGENDA:

- CAB = CABOCLO (A)  
 POR = PORTUGUÊS (A)  
 POL = POLONÊS (A)  
 ALE = ALEMÃO (Ã)  
 UCR = UCRANIANO (A)  
 ESP = ESPANHOL (A)  
 ITA = ITALIANO (A)  
 IND = ÍNDIO (A)

Tabela IV - Situação funcional dos pais

	PAI		MÃE		TOTAL	
	F	%	F	%	F	%
Empregados	44	35,5	26	21,0	70	28,2
Empregadores	23	18,6	09	7,3	32	12,9
Desempregados	21	17,0	27	21,8	48	19,3
Órfão	19	15,3	08	6,5	27	10,9
Trabalha em casa	03	2,4	39	31,4	42	17,0
Abstenção	14	11,2	15	12,0	29	11,7
<b>TOTAL</b>	<b>124</b>	<b>100,0</b>	<b>124</b>	<b>100,0</b>	<b>248</b>	<b>100,0</b>

Tabela V - Informações sobre o município de Canoinhas

Alternativas	SIM		NÃO		ABSTENÇÃO		TOTAL
	F	%	F	%	F	%	
Conhece o município de Canoinhas	93	75,0	26	21,0	05	4,0	124
O porque do nome da cidade	52	42,0	66	53,2	06	4,8	124
O porque do nome do bairro	40	32,2	78	63,0	06	4,8	124
O porque do nome da rua	12	9,6	94	75,9	18	14,5	124
Identifica algum fato histórico	56	45,1	56	45,1	12	9,8	124
Identifica a Praça do Contestado	18	14,5	81	65,3	25	20,2	124
<b>Total</b>	<b>271</b>	<b>36,4</b>	<b>401</b>	<b>53,9</b>	<b>72</b>	<b>9,7</b>	<b>744</b>

Tabela V a - Lugares conhecidos

Locais citados	ALUNOS	
	F	%
Igrejas	90	72,6
Supermercados	72	58,0
Calçada	65	52,4
Ruas	52	41,9
Museu da Erva-Mate	49	39,5
Farmácias	48	38,7
Parque de Exposições	47	37,9
Sorveterias	42	33,8
Lojas	26	20,9
Bairros	23	18,5
Distrito	23	18,5
Indústrias	23	18,5
Interior do município	16	12,9
Rodoviária	12	9,6

Tabela VI - Origens do nome da Cidade de Canoinhas

OPINIÃO	ALUNOS	
	F	%
Travessia do rio em pequenas canoas	26	21.0
Nome dado pelos colonizadores	06	4.9
Deus mandou dar este nome	03	2.4
Acreditam que os índios deram	02	1.6
Estudaram, mas não recordam	01	0.8
Não sabem	14	11.2
Abstenções	65	52.5



Tabela VII - Bairros conhecidos e o significado de seu nome

Bairros	ALUNOS	
	F	%
Água Verde	01	0,8
Alto das Palmeiras	03	2,4
Campo D'Água Verde	07	5,7
Jardim Esperança	02	1,7
Morro da Fumaça	04	3,2
Sossego	09	7,2
Tricolin	14	11,2
Desconhece o porque	84	67,8
<b>Total</b>	<b>124</b>	<b>100,0</b>

Tabela VIII - Opinião dos estudantes sobre fatos históricos ocorridos em Canoinhas

Opinião	ALUNOS	
	F	%
Guerra do Contestado	24	19,4
Enchente de 1992	17	13,7
Enchente de 1983 e 1984	08	6,5
Criação da Universidade do Contestado	03	2,4
Construção da Prefeitura	02	1,6
Construção do Parque de Exposições	02	1,6
Responderam fatos ocorridos na família	02	1,6
Não responderam o questionário	66	53,2
<b>Total</b>	<b>124</b>	<b>100,0</b>

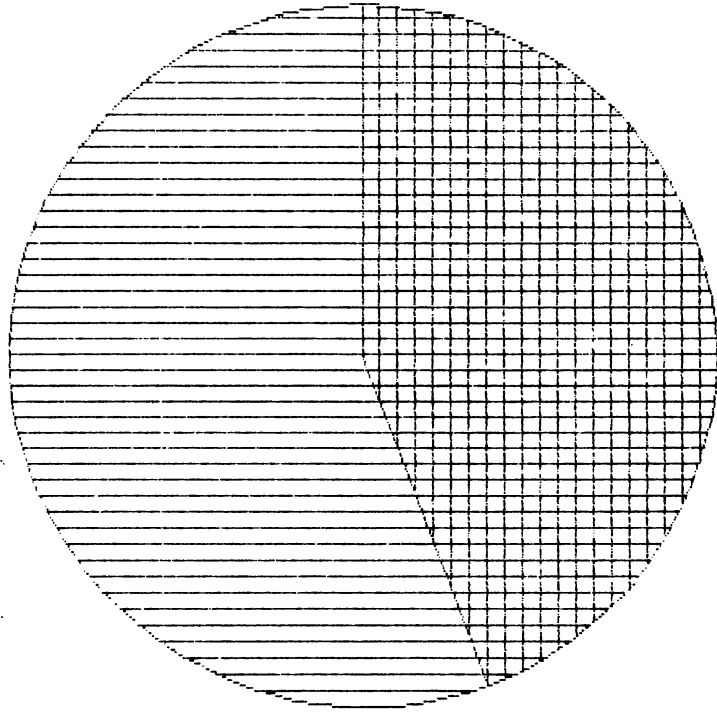
Tabela IX - Praças Identificadas

Nomes	Conhecido		Relatado		Abstenção	
	F	%	F	%	F	%
Lauro Müller	78	63,0	04	3,2	42	33,8
Osvaldo de Oliveira	49	39,5	01	0,8	74	59,7
Do Contestado	18	14,5	08	6,5	98	79,0
Emiliano Seleme	02	1,7	01	0,8	121	97,5
Miguel Procopiack	02	1,7	01	0,8	121	97,5
João XXIII	01	0,8	-	-	123	99,2

Tabela X - Opinião sobre os usos, costumes e tradições mantidas pelas famílias

Indicações	ALUNOS	
	F	%
Tomar chimarrão	30	24,1
Ir à missa aos domingos	29	23,4
Fazer conservas de frutas e verduras	15	12,1
Comer macarronada e lasanha aos domingos	10	8,1
Falar cantar e rezar em polonês	09	7,3
Falar e rezar em alemão	07	5,6
Tomar vinho desde pequeno	06	4,8
Festejar dia 6 de Dezembro, dia de São Nicolau e Festejos Natalinos	05	4,0
Enfeitar Cestinhas e ovos na Páscoa	03	2,4
Trabalhar feito animais aos domingos	03	2,4
Ser educado e tratar bem os mais velhos	02	1,7
Não dançar e não comer carne na quaresma	02	1,7
Abstenção	03	2,4












(55,65%)

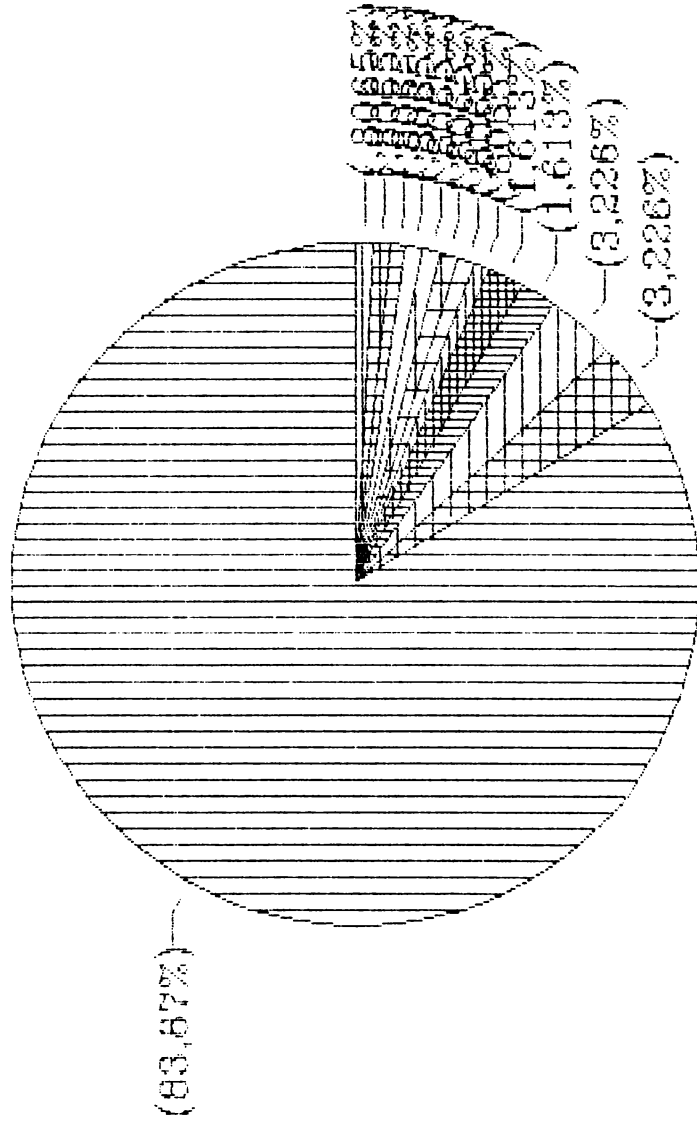


(44,35%)

# TABELA II

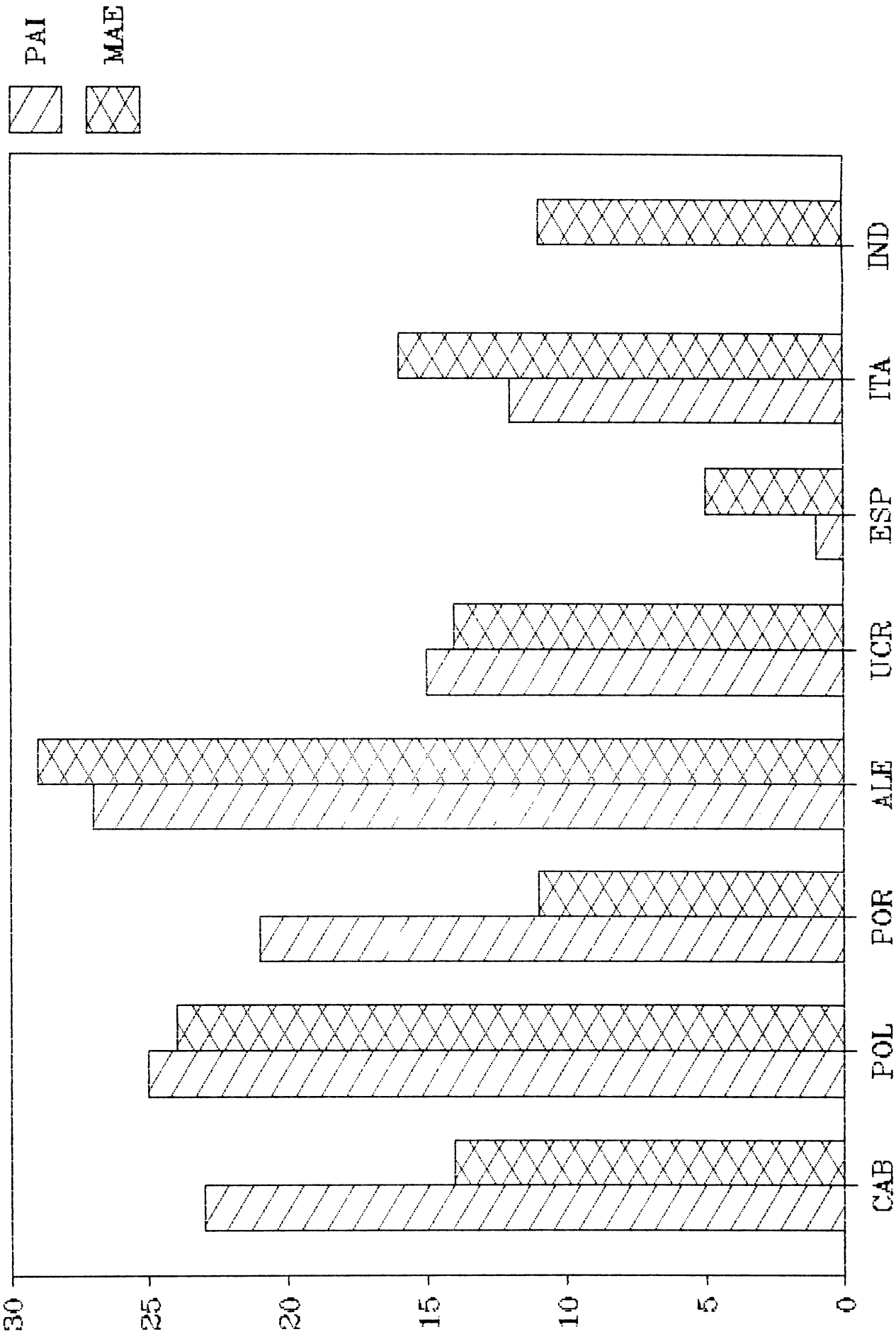
Local de Nascimento

	Canoinhas SC
	Tres Barras SC
	Rio Negro Pr
	Mafra SC
	Curitiba Pr
	Cruz Alta RS
	Major Vieira SC
	Presidente Getulio SC
	Bituruna Pr
	Palmas Pr
	Guarapuava Pr



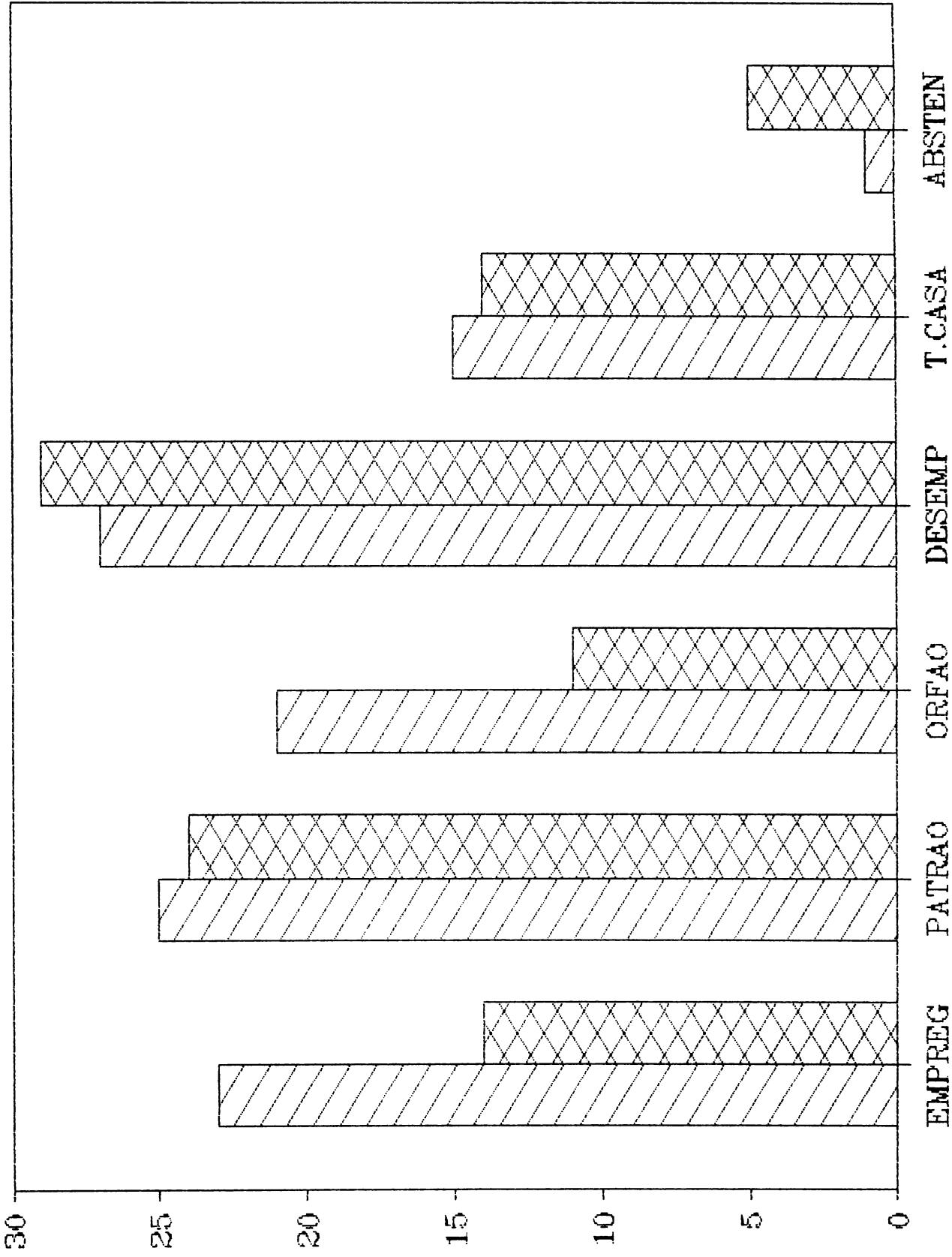
# TABELA III

Formação Étnica dos Estudantes do Município



# Situacao Funcional dos Pais

PAI MAE



# Informações Sobre o Município

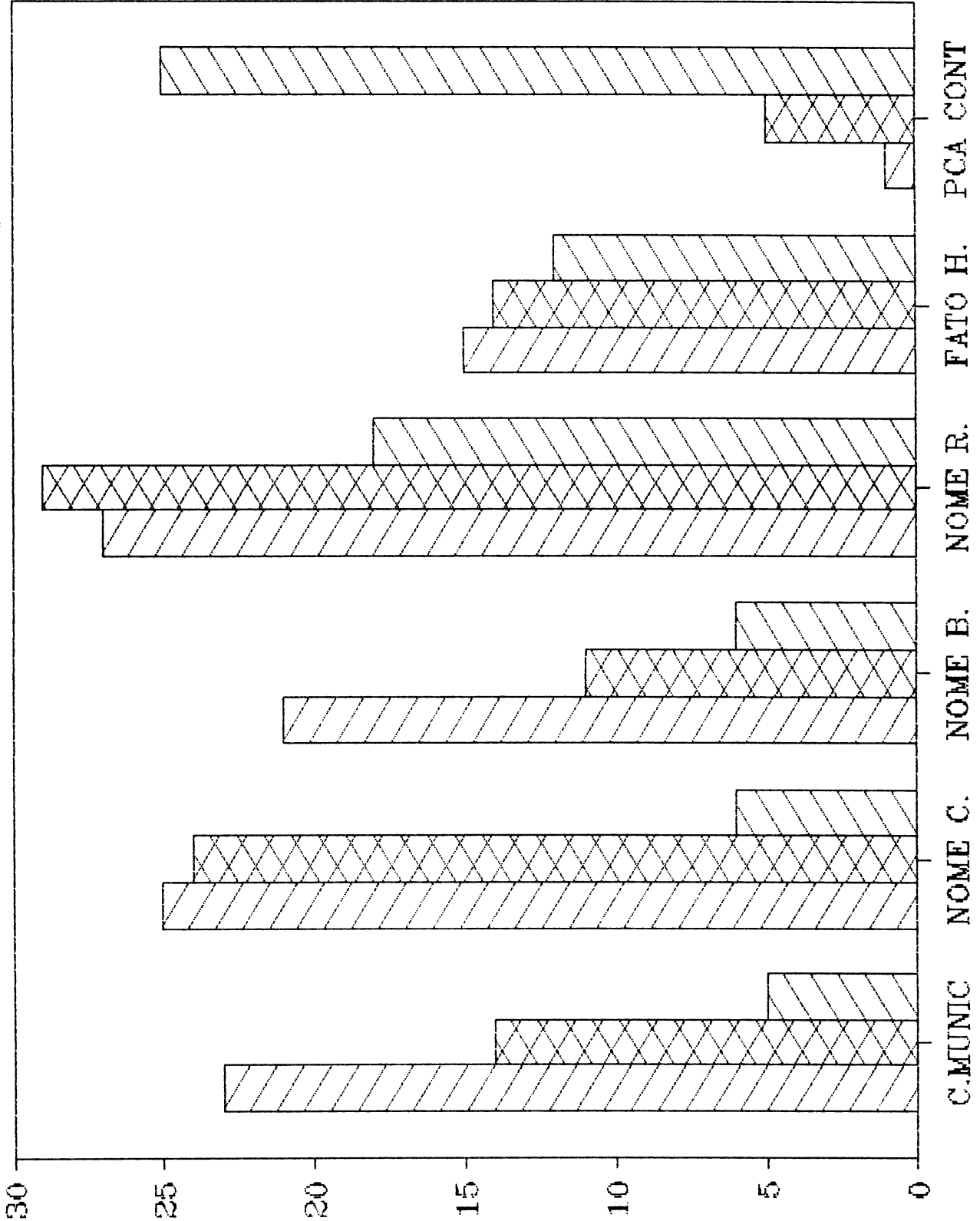
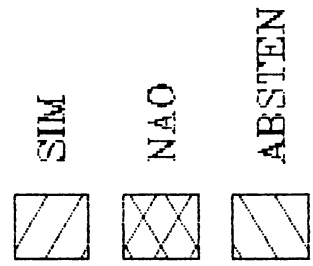
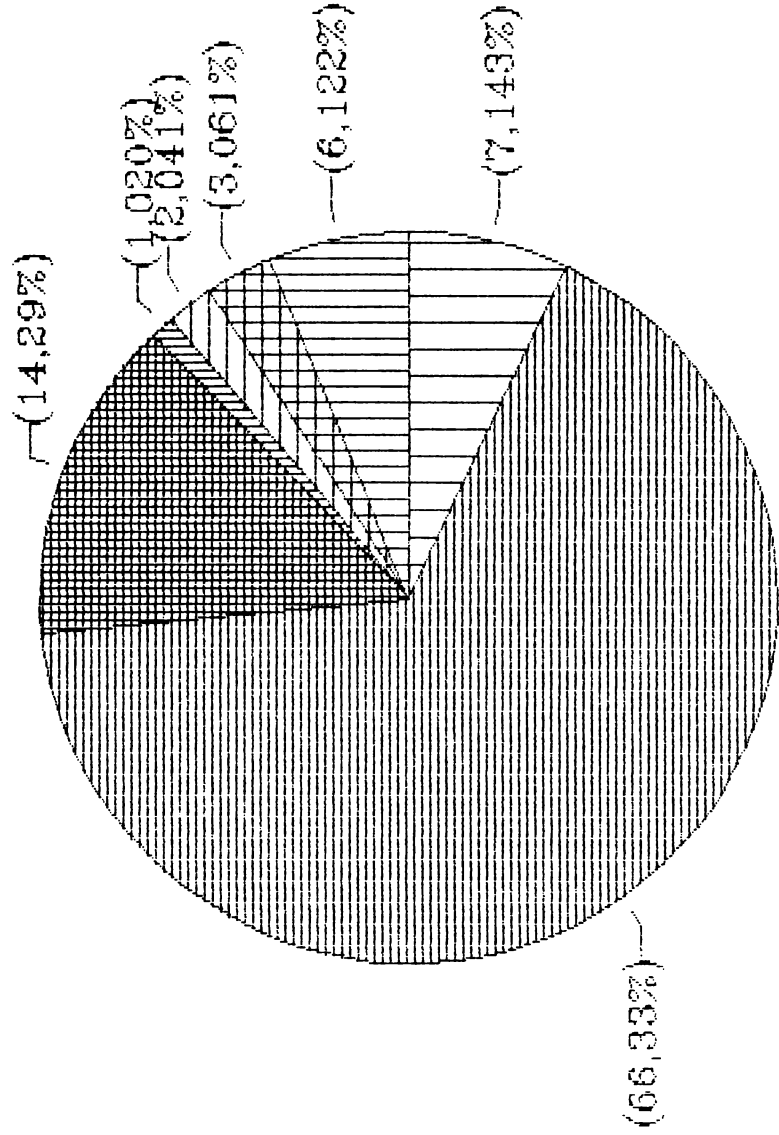
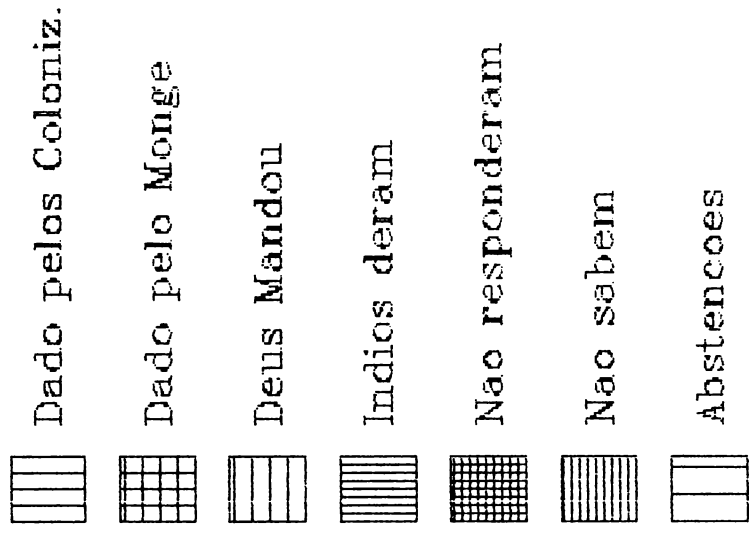








TABELA VI  
Origens do Nome da Cidade

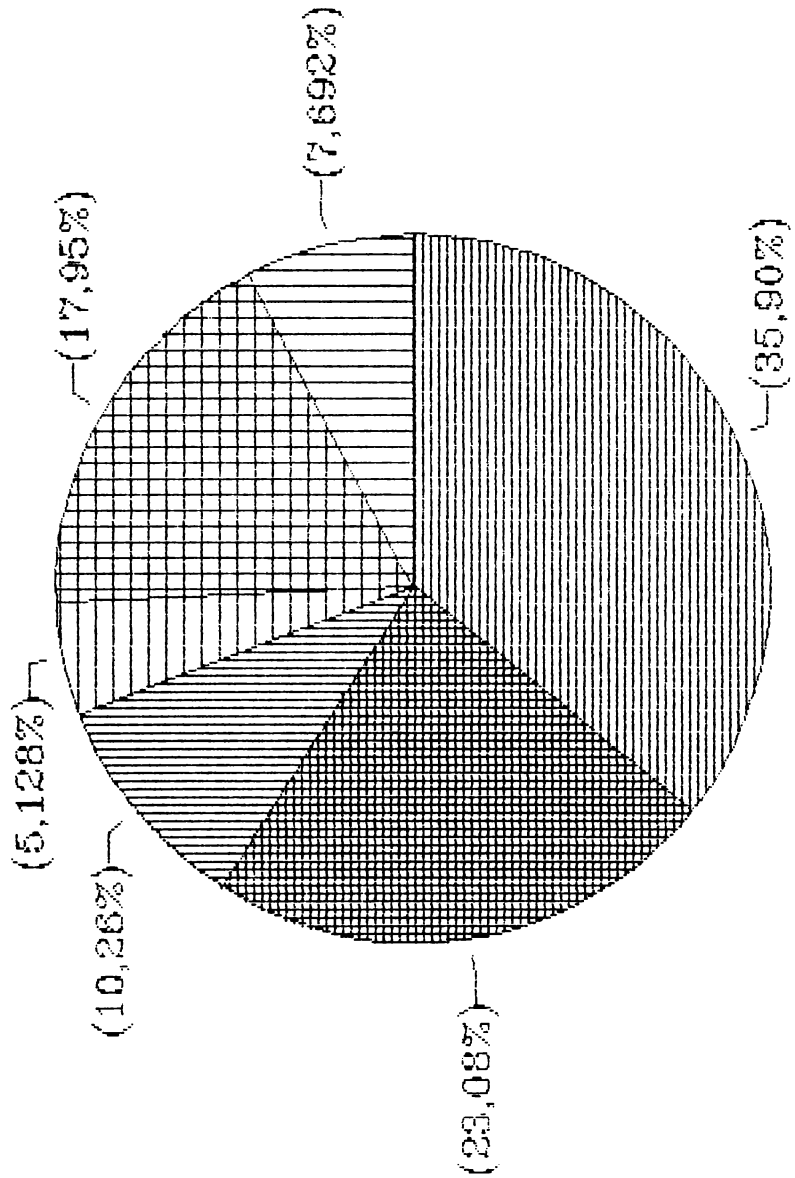




# TABELA VII








Bairros Conhecidos e Significado do Nome

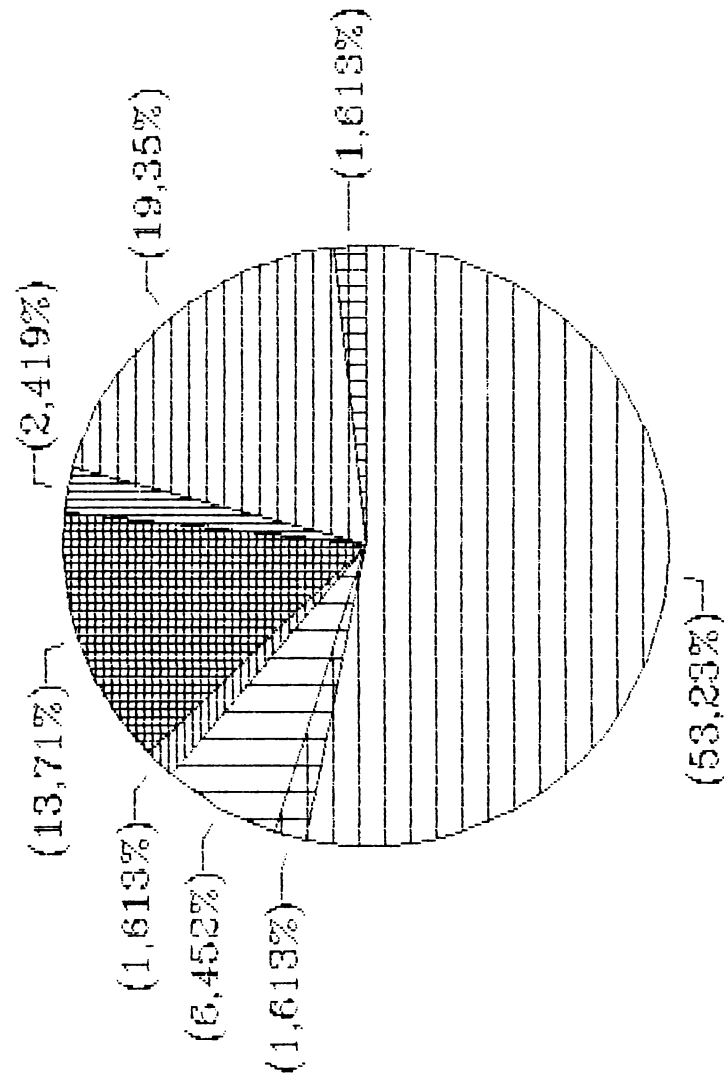
	Alto das Palmeiras
	Campo D'Agua Verde
	Jardim Esperanca
	Morro da Fumaca
	Sossego
	Tricolin



# TABELA VIII

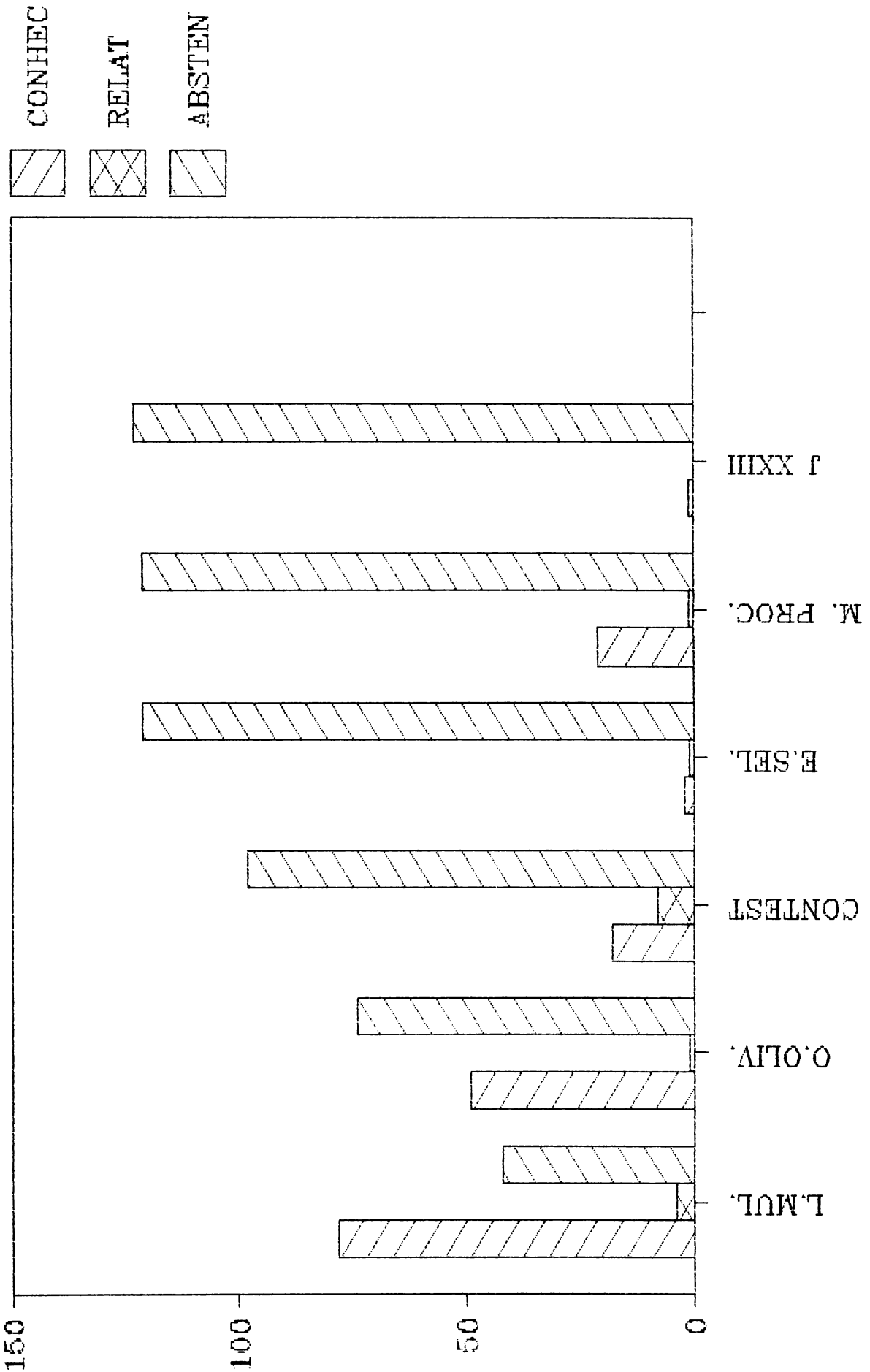
## Opiniaio sobre Fatos Historicos

	Guerra do Contestado
	Criacao da Universidade
	Enchente de 1991
	Construcao da Prefeitura
	Enchente de 1983/84
	Fatos na Familia
	Nao Responderam



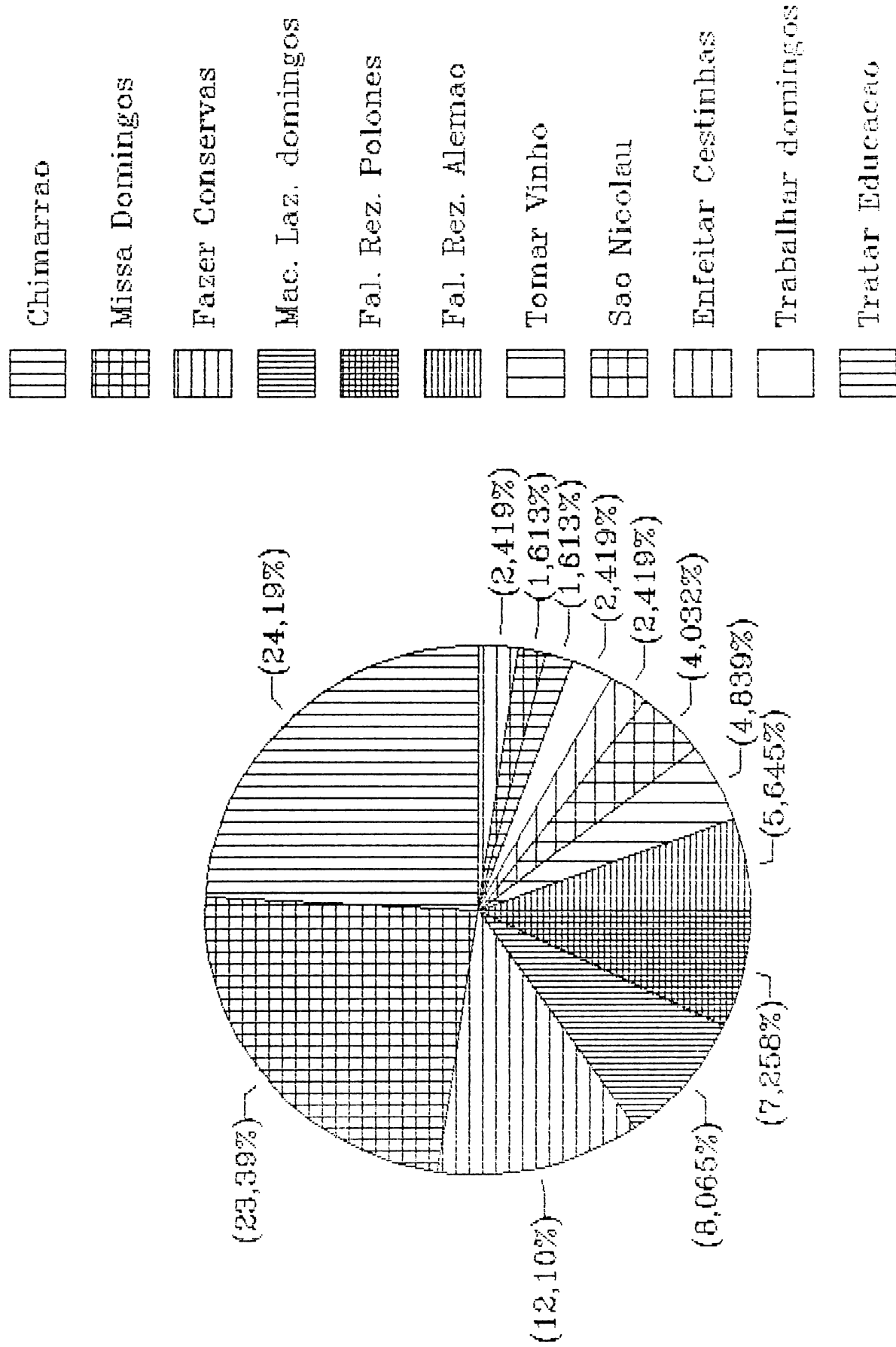
# TABELA IX

Pracas Identificadas



# TABELA X

Usos, Costumes e Tradicoes



### 3.0 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Serão apresentadas de forma descritiva a análise e a interpretação dos dados obtidos no decorrer da pesquisa, os quais são direcionados para os objetivos específicos, procurando desta forma manter a coerência com o que se propôs tanto em um como outro instrumento utilizados na coleta dos dados.

#### TABELA I - Sexo, Faixa Etária e Unidade Escolar

Tendo em vista a tabela I, percebe-se que na constituição dos alunos pesquisados apareceu uma faixa etária oscilando entre 8 a 21 (oito a vinte e um) anos, com predominância para o sexo masculino, tanto em uma como em outra Unidade Escolar.

Dos 124 (cento e vinte e quatro) estudantes que participaram deste estudo, 93 (noventa e três) que perfazem 75% (setenta e cinco por cento) do total dos entrevistados, responderam 'sim', enquanto que 31 (trinta e um), ou seja 25% (vinte e cinco por cento), optaram pelo 'não', mesmo descrevendo que conheciam apenas o centro e/ou seu próprio bairro.

#### TABELA II - Local de Nascimento dos Estudantes Pesquisados

Evidencia-se nesta tabela que 83% (oitenta e três por cento) dos estudantes são nascidos na cidade de Canoinhas e um número muito reduzido não é das imediações. Durante conversas informais com estes alunos, sabe-se por exemplo, que os que nasceram em Rio Negro - Pr, sempre tiveram seus pais na cidade de Canoinhas e por falta de acompanhamento médico durante a gravidez a mãe deslocou-se para o centro hospitalar mais seguro.

Outros vieram para esta cidade quando ainda bebês.

Apenas 2 (dois) alunos, um de Guarapuava - Pr e de Cruz Alta - RS, é que estão na cidade há 3 e 2 (três e dois) anos respectivamente.

### **TABELA III - Formação Étnica dos Estudantes do Município de Canoinhas**

Segundo a tabela III - DA FORMAÇÃO ÉTNICA ou da miscigenação, pode-se afirmar através da população pesquisada que houve discreta predominância para o casamento do homem branco polonês com mulheres da própria raça - 7,2% (sete vírgula dois por cento); igual número coube aos alemães. Observou-se também que o maior cruzamento de raças deu-se entre estes últimos.

No decorrer das observações e anotações ocorreu um pequeno entrave: alguns descendentes de poloneses diziam-se ser ucranianos, outros porém, fizeram questão de dizer-se povos totalmente distintos um dos outros.

Fato que merece destaque é o empate ocorrido entre aqueles que se dizem filhos de mãe cabocla - 11,2 % (onze vírgula dois por cento) com ucranianas 11,2 % (onze vírgula dois por cento). Para os caboclos há um pequena vantagem se somada aos filhos as índias que totalizou 8,9% (oito vírgula nove por cento). Caboclas 11,2 % (onze vírgula dois por cento) + índias 8,9% (oito vírgula nove por cento), tem-se um resultado de 20,1% (vinte vírgula um por cento).

É interessante notar o domínio do homem branco no município de Canoinhas, pois quando se buscou as origens anteriores ao ano de 1890 (fato citado na entrevista número um - Anexo VII), verificou-se que nesta "terra de índio" este é o que menos existe.

**TABELA IV - Situação Funcional dos Pais**

De acordo com a tabela IV, percebeu-se que o número de pais de ambos os sexos são empregados, 28,2% (vinte e oito vírgula dois por cento).

O número de desempregados, 19,3% (dezenove vírgula três por cento), é crescente se somados a estes os que responderam ter seus pais em casa 17,0% (dezessete por cento) e aqueles que se abstiveram 11,7% (onze vírgula sete por cento).

Levando-se em consideração estes três aspectos tem-se um total de 47,9% (quarenta e sete vírgula nove por cento) pessoas caracterizadas como sem função.

Quando em observação e/ou em conversas informais com os alunos, estes disseram:

"Não assinalei nada nesta questão porque meu pai está no seguro desemprego".

"Se meu pai sabe que eu escrevi que ele tá em casa, sem serviço, vai morrer de vergonha".

"Acho muito triste ter meus pais como mais um número de desempregados".

"Não escrevi porque não sabia como dizer, pois meu pai não tá desempregado, mas a firma que ele trabalha fechou".

"Meu pai perdeu o emprego e agora a profissão dele é beber".

"Faz tempo que o meu pai foi para o Mato Grosso e daí não posso marcar nada, não sabemos nem se ele está vivo".

**TABELA V - Informações Sobre o Município de Canoinhas**

Segundo a tabela V, observou-se que 75% (setenta e cinco por cento) dos estudantes pesquisados responderam "sim" para o conhecimento do município.

Devido observações e opiniões do questionário, foi aberta a TABELA V.a, e para melhor esclarecimento, necessário se fez que outras tabelas fosse elaboradas afim de explicitar as alternativas seguintes.

#### **TABELA V a - Lugares conhecidos**

A Igreja se sobressai como o lugar mais conhecido 72,6% (setenta e dois vírgula seis por cento), seguido dos supermercados apontados por 58% (cinquenta e oito por cento) e do calçadão com 52,4% (cinquenta e dois vírgula quatro por cento). Enquanto que a Rodoviária indicada por 9,6% (nove vírgula seis por cento) dos alunos e o interior do município por 12,9% (doze vírgula nove por cento) são os menos conhecidos.

#### **TABELA VI - Origens do nome da Cidade de Canoinhas**

A análise desta tabela evidenciou que 52,5% (cinquenta e dois vírgula cinco por cento) desconhecem a origem do nome da cidade, 21% (vinte e um por cento) atribui à travessia do rio em pequenas canoas, e somente 01 (um) aluno - 0,8% (zero vírgula oito por cento), registra que o nome foi dado pelos índios.

Algumas das opiniões:

- "No tempo do surgimento da cidade não existia ruas e os meios de transportes eram feitos com canoas."
- "Os colonizadores que fundaram a cidade de Canoinhas chegaram de canoas através do rio que hoje se chama 'Canoinhas'."
- "As pessoas que descobriram Canoinhas, vieram em canoas pequenas e assim ficou o nome de nossa cidade".
- "Não sei bem, mas acho que os índios é que batizaram com este nome".

Outras respostas dos que mencionaram não recordar:

- "Não lembro mais".
- "Não tem nenhum livro que diga por quê, por isso eu não sei, não lembro".



- "As professoras nunca me disseram e daí eu não sei".
- "Nem meus pais e avós sabem, então eu também não sei, já ouvi falar, mas ..."

#### TABELA VII - Bairros conhecidos e o significado de seu nome

Observou-se através da tabela VII, que o número de alunos que realmente conhecem o bairro e/ou seu significado é muito pequeno, somente 32,2% (trinta e dois vírgula dois por cento) dos estudantes pesquisados responderam a questão.

Segundo os estudantes os bairros têm estes nomes

- **Água Verde e Bairro Campo D'Água Verde:** "O bairro tem esse nome por causa dos rios que são o Canoinhas e o Água Verde e também porque é o bairro mais populoso da cidade e então fizeram como Curitiba, deram o nome de bairro Água Verde e Campo d'Água Verde".

- **Bairro Tricolin:** "Contam os mais velhos que anos atrás existia aqui uma firma muito grande que trouxe progresso para este bairro. Essa firma tinha 03 (três) casas de comércio:

Um moinho de trigo = TRI

Um curtume de couro = CO

Uma fábrica de linho = LIN

Juntando as três iniciais surgiu este nome que chama atenção mas muita gente não sabe o que significa."

- **Bairro Alto das Palmeiras:** " Devido a existência de muitas palmeiras nativas, as quais cresciam vistosas por todo o lugar é que se deu esse nome."

- **Bairro Sossego:** "Aqui antes tudo ou quase tudo era mato e só umas poucas famílias é que moravam aqui, não tinha muito movimento era tudo um sossego, então batizaram esta parte da cidade com esse nome".

- **Bairro Jardim Esperança:** "É que no centro da cidade tinha gente mais rica e alguns pobres (ou quase pobres) vinham morar prá cá na esperança de ficar mais rico porque estavam mais seguro contra as enchentes." (2 alunos)
- **Bairro Morro da Fumaça:** "Tem este nome porque fica junto a uma grande indústria (mais no alto) e esta solta sua fuligem e fumaça que se espalha por todo o morro".

**TABELA VIII - Opinião dos Estudantes Sobre Fatos Históricos  
Ocorridos em Canoinhas**

Ao analisar-se a tabela VIII, a Guerra do Contestado é o fato histórico mais enfatizado por 19,4% (dezenove vírgula quatro por cento) dos estudantes, outros 13,7% (treze vírgula sete por cento) consideraram as enchentes deste ano, enquanto que 6,5% (seis vírgula cinco por cento) se referem as enchentes de 1983 e 1984. Porém esta tabela demonstra que o maior número e percentual sobrecai entre os que não opinaram, sendo este índice de 54,8% (cinquenta vírgula oito por cento), demonstrando que mais da metade dos alunos pesquisados desconhecem fatos históricos ocorridos na cidade de Canoinhas.

Das anotações:

- "Houve uma guerra aqui, foi entre Paraná e Santa Catarina, só sei que se chamou guerra do Contestado e que tinha uns fanáticos".
- "Acho que o fato mais importante para nós, foi que tivemos que começar tudo de novo, pois as enchentes de 83 a 84 acabaram com tudo".
- "Para nossa cidade um fato importante é a construção da nova Prefeitura Municipal e também do Parque de Exposições".

Entre os que não opinaram, houve várias justificativas:

- "Meu avô proibiu nós tudo de falar nisso, pois já tivemos uns problemas com o exer, (provavelmente referindo-se ao Exército) quer dizer uns problemas de terra, lá em Três Barras".

- "Os livros não contam nada de fato que tenha acontecido aqui".
- "Alguns fatos eu sei, só não sei se são históricos".
- "Pobre não vive fatos históricos, morre de fome".

#### **TABELA IX - Praças Identificadas**

No que diz respeito a identificação das praças destacam-se como conhecidas a Praça Lauro Müller apontada por 63% (sessenta e três por cento) dos estudantes, Osvaldo de Oliveira 39,5 % (trinta e nove vírgula cinco por cento) e a do Contestado 14,5% (quatorze vírgula cinco por cento). Outras três praças ainda foram mencionadas por uma minoria.

Identificaram e emitiram as seguintes opiniões:

- "Conheço a Praça Lauro Müller porque ela tem os símbolos de Canoinhas: a cuia de chimarrão, erva-mate plantada e também o pinheiro e dizem que embaixo dele estão enterrados documentos da cidade".
- "A Praça Lauro Müller foi palco das lutas dos jagunços. As outras praças só sei onde ficam a Emiliano Seleme, a Miguel Procopiak e João XXIII".
- "Tem uma praça que não é bem praça mas ela tem muita história, porque foi nela que aconteceu a guerra do Contestado, o nome dela é o mesmo desta luta".
- "A praça mais conhecida por nós é a praça da frente da Igreja Matriz que é a Praça Osvaldo de Oliveira".

#### **TABELA X - Opinião Sobre os Usos, Costumes e Tradições Mantidas Pelas Famílias**

No que diz respeito a usos, costumes e tradições, verificou-se que chimarrão, segundo 24,1% (vinte e quatro vírgula um por cento) dos estudantes, é uma das tradições mais fortes na região de Canoinhas, seguida pela missa aos domingos foi apontada por 23,4% (vinte e três vírgula quatro por cento). Es-

ta foi uma das tabelas mais assinaladas e mais respondidas nas questões abertas, pois apenas 03 (três) alunos se abstiveram de responder.

Enquanto aconteciam as observações outros usos, costumes e tradições mereceram destaque e não foram citados no questionário.

Outros costumes, segundo anotações:

- "Vestir amarelo no Ano Novo e comer lentilha".
- "Fazer benzimentos em criança e cobreiros".
- "Pular a fogueira nas festas juninas e soltar balões em homenagem aos santos".
- "Fazer rodas de danças polonesas e ucranianas".
- "Todos devem esperar o pai para sentar-se à mesa".
- "Usar cabelo comprido e muitos enfeites".
- "Usar lenço e chapéu na cabeça".

1.0 - CONCLUSÃO

"É tempo de aniquilar os egoísmos, destronar o carreirismo, de matar o oportunismo. Os que nos querem passivos, estão com a faca entre os dentes, escolhendo que cabeças devem cortar, para que nem o mundo, nem o futuro, possam nascer. Devemos, todos juntos, deter suas mãos antes que eles matem o porvir." (SANTOS, p.38)

Ao concluirmos este trabalho necessário se faz um retorno aos objetivos deste quando dizíamos da importância da criança como ser participativo e transformador da história e mais especificamente do meio em que vive.

Desta forma buscávamos o resgate do que para o estudante foi conhecimento popular sem nunca saber até que ponto esta história era luta obstinada do povo e da sociedade em que ele próprio está inserido.

A intervenção educativa ou a função social do saber e principalmente o estudo da história ou revisão dos fatos históricos, só é libertador e construtivo na medida em que mostra a interdependência entre Homem e Sociedade.

O homem além de suas necessidades afetivas, culturais e artísticas, que só se desenvolvem vivendo em sociedade; sua própria vida depende da ajuda da sociedade. Neste sentido o indivíduo precisa entender sua dependência, para colaborar com suas habilidades na sociedade, desenvolvendo assim sua própria existência. Por outro lado, a sociedade é a totalidade dos indivíduos e não há sentido no organismo social, se não há serviço dos indivíduos, para permitir que cada um possa realizar-se a si mesmo.

Sendo a História o resultado deste inter-relacionamento ou interdependência ela precisa dar conta desta função de permitir a leitura dos limites e direitos. Não são os indivíduos donos da sociedade e não é a sociedade dona dos indivíduos. Quando a História não fornece esta intercomplementariedade, sociedade e indivíduos, são apenas palavras vazias que servem unicamente à demagogia escamoteante da opressão.

Constatamos com esta pesquisa, que tanto alunos como aqueles que estão imediatamente ligados a estes, tem sido apenas seres passivos e receptores de informações preconcebidas e de interesse de uma classe, ora dominante, ora ocultora de verdades, ora contraditória aos relacionamentos sociais.

Constatamos ainda que dia-a-dia a cultura local vem morrendo, as histórias já não são mais contadas, as tradições perderam seu espaço pelos modismos e o apego a raça, a terra vem perdendo terreno para o medo, a vergonha e até mesmo para a preguiça de assumir-se politicamente como homens e futuros cidadãos deste país.

## 2.0 - RECOMENDAÇÃO

Era uma vez uma sementinha ...

Muitas dificuldades, mas também muita garra nos levaram a iniciar a preparação do solo e a plantarmos esta primeira sementinha. É bem verdade que não será ela a melhor de todas as árvores, mas com certeza será uma árvore de bons frutos, frutos de vários tamanhos e sabores, e para que se possa colhê-los, recomendamos:

- Revisão e análise às propostas curriculares na área de História e/ou Estudos Sociais, como disciplina básica e transformadora para os que atuam com crianças de 1º Grau.
- Realização de outras pesquisas para que dêem continuidade a este trabalho, muitas fontes estão aqui e algumas delas, ainda vivas.
- Despertar a atenção das agências formadoras enfatizando a necessidade de se aproveitar os acontecimentos, os costumes e os saberes regionais para transformá-los em História, em cultura e em autonomia dos cidadãos.

E por fim considero indispensável a criação de um manual de História Regional e/ou Municipal para que cada cidadão possa compreender e informar a importância de ser agente e sujeito da História.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ALBUQUERQUE, Mário Marcondes. Contestado: distorções e controvérsias. Curitiba: Lítero-Técnica, 1987, 100 p.
- ANDRÉ, M.E.D.A. Recuperação da tarefa fundamental da escola de 1º Grau: Um estudo etnográfico da prática pedagógica bem sucedida. Rio de Janeiro: INPE/PUC-RV, 1985.
- AURAS, Marli. Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis, UFSC/Cortez, 1984, 177 p.
- BEZERRA, Aida et. alli. A questão política da educação popular. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, 198 p.
- BORGES, Vavy Pacheco. O que é História. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980, 84 p.
- BORGES, Vavy Pacheco. O ensino de História. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, 135 p.
- CABRAL, Osvaldo R. A Campanha do Contestado. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 392 p.
- DERENGOSKI, Paulo Ramos. O desmoronamento do mundo jagunço. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986, 168 p.



- ENGUITA, Mariano F. A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. .8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, 295 p.
- FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952, 238 p.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, 79 p.
- GARCIA, Walter E. Educação: visão teórica e a prática pedagógica. São Paulo: McGraw Hill, 1977, 170 p.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. História da educação. São Paulo: Cortez, 1990, 240 p.
- GRANSCI, Antônio. Concepção dialética da história. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, 341 p.
- MADER, Maria Elisa Noronha de Sá e PIZARRO e SANTANA, Inês de. Tecnologia educacional aplicada ao ensino de estudos sociais no 1º grau: uma crítica e nova proposta do ensino da História. Rio de Janeiro: ABT, 1985, 198 p.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. Manual para elaboração de monografias. São Paulo: Atlas, 1990, 90 p.
- MELLO, Newton C. de Andrade. A campanha do Contestado e as operações anti-guerrilha dos Balcãs. In: Revista Defesa Nacional, Ano I, nº 597, Rio de Janeiro: 1964.
- MICHAELIS, John U. Estudos Sociais para crianças numa democracia. Porto Alegre: Globo, 1967, 555 p.
- NIDELCOFF, Maria Teresa. As ciências sociais na escola. São Paulo: Brasiliense, 1987, 172 p.

- NIELSEN, Henrique Neto. Filosofia da educação. São Paulo: Melhoramentos, 1988, 363 p.
- PIMENTA, Selma Garrido. A organização do trabalho na escola. Revista ANDE, São Paulo (11): 29 - 36, 1986.
- PRADO Jr, Caio. História econômica do Brasil. 36. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, 364 p.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do contestado. 1912-16, Coleção Ensaaios, 23. ed. São Paulo: Ática, 1977, 325 p.
- RODRIGUES, Neidson. Da mistificação da escola à escola necessária. São Paulo: Cortez, 1987, 363 p.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. Programa de ensino do primeiro grau. Florianópolis: Departamento de Ensino, 1976, 238 p.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. Subsídios para a elaboração dos currículos plenos dos estabelecimentos de ensino de 1º grau. Estudos Sociais, Florianópolis: FEAESC, 1971, 71 p.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. Estudos Sociais: 1º Grau Subsídios para a programação 1ª a 8ª série. Florianópolis: IOESC, 1987, 170 p.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado e Educação, Coordenadoria de Ensino. Proposta Curricular. Florianópolis: SEC, 1991
- SCHAFF, Adam. História e verdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, 256 p.
- SILVA, Francisco de Assis e BASTOS, Pedro Ivo de Assis. História do Brasil. São Paulo: Moderna, 1976, 233 p.
- SOUZA, Osvaldo Rodrigues. História do Brasil. vol 2. São Paulo: Ática, 1988.

- THOMÉ, Nilson. Canoinhas na mira dos mosquetões. Caçador: FEAPE, 1984.
- THOMÉ, Nilson. A insurreição xucra do Contestado. Caçador: FEARP/MUSEU DO CONTESTADO/XEROX DO BRASIL, 1987, 41p.
- THOMÉ, Nilson. Contestado. Rio de Janeiro: INDEX, 1987, 154 p.
- THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 278 p.
- VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. Planejamento participativo na escola: um desafio ao educador. São Paulo: EPU, 1986, 67 p.
- WALDRIGUES, Augusto. História do monge João Maria. Curitiba, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, 1985.
- WITTMANN, Lauro C. Experiências de gestão inovadora no processo educacional: A base material é histórica. Revista RBAE, Brasília: (7) jan/dez 1991.

## OUTRAS REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, Maria Terezinha e HEIDEN, Josefa. Distrito de Paula Pereira. Canoinhas, 1992. Entrevista concedida a Maria da Salete Sachweh em 19 de agosto de 1992.
- MACHADO, Orty Magalhães. A História de Canoinhas, Canoinhas, 1992. Entrevista concedida a Maria da Salete Sachweh em 10 de agosto de 1992.
- FERRAZ, Francisco. Histórias de Canoinhas. Canoinhas, 1992, Entrevista concedida a Maria da Salete Sachweh em 13 de agosto de 1992.
- SANTOS, Milton. Metamorfose do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.





ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- Tempo que vive em Canoinhas
- Eventos e fenômenos importantes
  - climáticos/hidrológicos
  - geológicos
  - revoltas e manifestações sociais
  - eventos esportivos
  - exposições e festas
  - fundações de entidades e instituições
  - usos e costumes
  - crenças religiosas

## ANEXO III

(1ª Parte)

### INSTRUÇÕES PARA PREENCHIMENTO DO FORMULÁRIO

Prezado estudante,

Este questionário que ora chega as suas mãos é de grande importância para uma pesquisa que estamos realizando, por isso sua colaboração é vital.

1 - Por favor

- não deixe questões em branco
- responda com sinceridade
- dê respostas individuais

2 - As questões rasuradas perderão seu valor;

3 - Sua identificação nominal neste questionário, é dispensável: são dados que você só o dirá se quiser.

4 - Registre com clareza o nome de sua escola.

5 - Responda as questões na medida em que for lendo.

6 - A pesquisadora agradece a você por mais esta colaboração que é valiosa.

Obrigada e seja FELIZ



(2ª Parte)

LOCALIZAÇÃO DA COLETA

LOCALIDADE \_\_\_\_\_ BAIRRO \_\_\_\_\_  
ENDEREÇO \_\_\_\_\_  
DISTRITO \_\_\_\_\_ MUNICÍPIO \_\_\_\_\_ UF \_\_\_\_\_

IDENTIFICAÇÃO DA COLETA

NOME \_\_\_\_\_  
NASCIDO (A) A \_\_\_\_\_ IDADE \_\_\_\_\_  
SEXO \_\_\_\_\_ COR \_\_\_\_\_  
NACIONALIDADE \_\_\_\_\_  
(CIDADE = ESTADO - PAÍS)

ENDEREÇO ATUAL \_\_\_\_\_  
PAI \_\_\_\_\_ PROFISSÃO \_\_\_\_\_  
EMPREGADO ( ) EMPREGADOR ( ) DESEMPREGADO ( )  
ORIGEM ÉTNICA \_\_\_\_\_ DIRETA ( ) INDIRETA ( )  
MÃE \_\_\_\_\_ PROFISSÃO \_\_\_\_\_  
ORIGEM ÉTNICA \_\_\_\_\_ DIRETA ( ) INDIRETA ( )

1 - Você conhece o município de Canoinhas?

SIM ( ) NÃO ( )

FALE SOBRE O QUE VOCÊ CONHECE \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2 - Já tomou conhecimento do porque do nome da cidade em que  
você mora?

SIM ( ) NÃO ( )

EXPLIQUE \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3 - E do seu bairro?

SIM ( )

NÃO ( )

EXPLIQUE \_\_\_\_\_

---

---

---

4 - Você é capaz de citar algum fato histórico de nossa cidade?

SIM ( )

NÃO ( )

QUAL (IS) \_\_\_\_\_

---

---

---

5 - Em Canoinhas, quais as praças que você conhece?

Fale sobre uma delas \_\_\_\_\_

---

---

6 - Você é capaz de identificar e dizer o porque da Praça do Contestado?

SIM ( )

NÃO ( )

POR QUE? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

7 - Usos, costumes e tradições ainda são freqüentes em sua família?

SIM ( )

NÃO ( )

Fale sobre os que sua família mantém \_\_\_\_\_

---

---

---

---

FOTO - MARCO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE

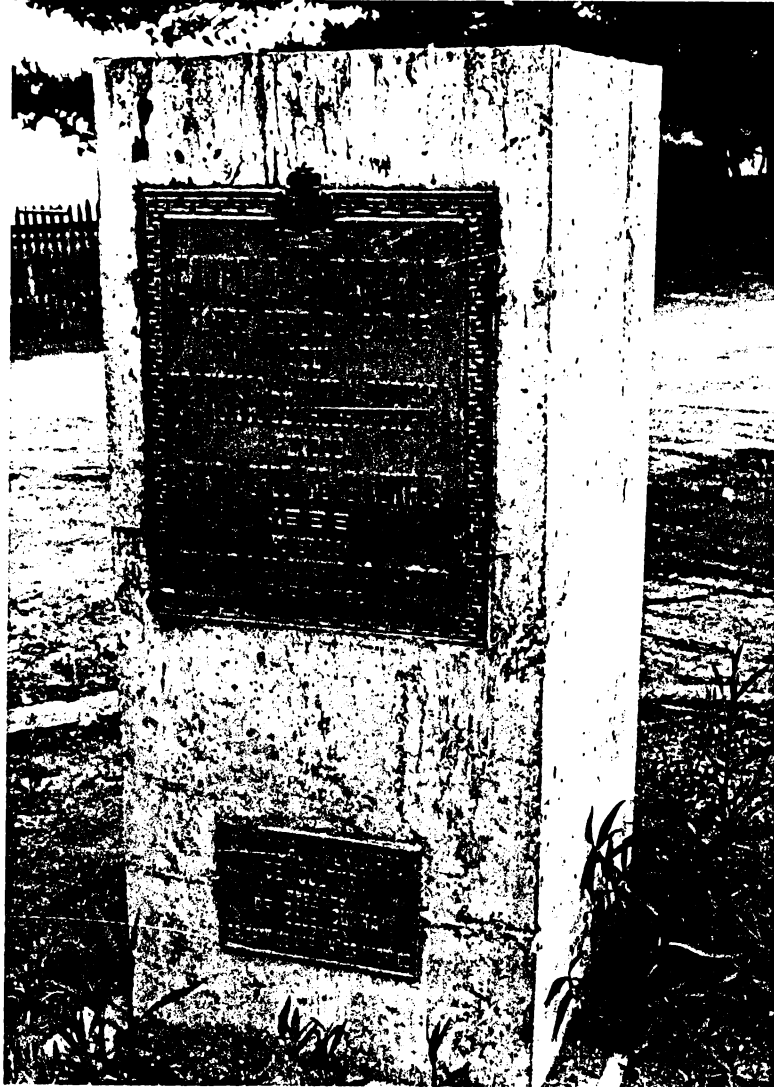
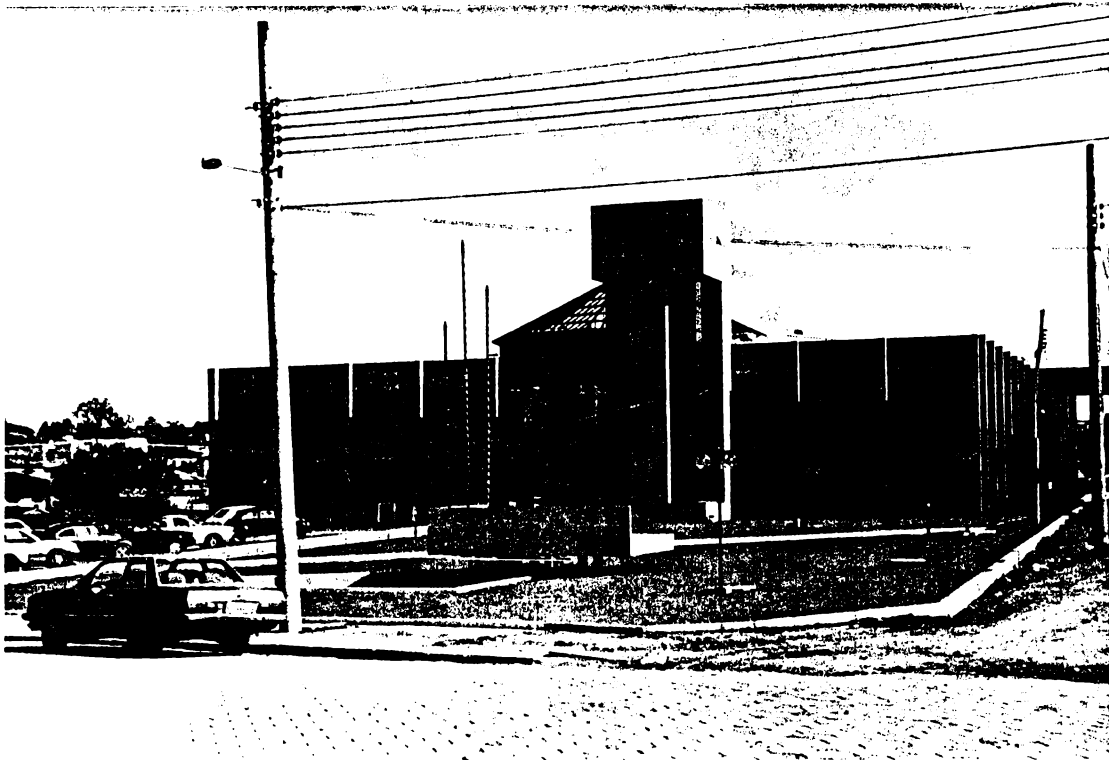


FOTO - PRAÇA DO CONTESTADO



FOTO - ATUAL PREFEITURA MUNICIPAL



Entrevista nº 1: Dr. Orty Magalhães Machado (advogado e historiador)

#### Quanto a origem do nome Canoinhas

"O nome de Santa Cruz vem de uma homenagem feita por Francisco de Paula Pereira (fundador da cidade) ao Monge João Maria. Esta cruz foi erguida como uma promessa por ocasião da 1ª passagem do monge nesta região. Tinha aproximadamente 6 (seis) metros de altura, era da melhor imbuia preta existente na fazenda do velho Robertão (terreno este onde hoje situa-se o frigorífico (FRICASA). Foi falquejada pelo velho Frutuoso e depois erguida em uma pequena igreja, que mais tarde, foi salva inclusive por mim, quando houve um incêndio nesta antiga igreja.

Depois esta cruz foi colocada ao lado de uma outra que já existia num terreno pertencente ao seu Álvaro Uhlig pois havia e há ali uma sangra que o povo acreditava ser sua água santa e por este motivo a chamavam de "Bica do Monge" (Foto ANEXO VIII).

A outra cruz que fora levantada naquele local, era obra do padre jesuíta João Maria Sibeu, mas esta como era de outra madeira acabou por desaparecer com o tempo. Então o povo de Canoinhas acreditou que era necessário colocar aquela cruz falquejada no local mais alto da região e hoje seus remanescentes (1961) esta na pequena Capela do Morro do Colégio Santa Cruz.

Explico porque Santa Cruz é porque noutros tempos todas as cidades tinham nomes santos, exemplo: vemos Laguna uma das mais antigas cidades do litoral catarinense chamava-se Santos

Anjos da Laguna Florianópolis - Nossa Senhora do Desterro, São Francisco; São Francisco mesmo e outras tantas.

Então Canoinhas recebeu nesta época o nome de Santa Cruz das Canoinhas.

Existe aqui uma interpretação que alguns dão, mas sem fundamento histórico nenhum. Essa denominação Canoinhas é um topônimo, como se diz. Se referia a existência de algumas canoas pequenas aqui, quando ainda habitada pelos índios, mas vejamos o índio daqui os *Kaigang-Xoklang* não eram canoeiros, não usavam atravessar o rio, não eram pescadores, eram sim caçadores, viviam da caça e das frutas, veja então, que não tem fundamento dizer que o nome Canoinhas origina-se das pequenas embarcações usadas.

Canoinhas quer dizer canoas pequenas, e nos mapas antigos - 1750, quando do Tratado de Madrid, mapas espanhóis referiam-se a este local como *Itupeba* (mais antigo nome de Canoinhas), que significa salto raso. Posteriormente os mapas portugueses já adotavam nomes próprios e nossos e alguns de origem tupi-guarani, como *Espigon* por exemplo, refere-se a Serra do Espigão (topônimo espanhol), *San-Juan* - São João, etc.

Quem deseja conhecer a verdadeira história de Canoinhas deve se transportar ao ano de 1883, quando Alfredo Ernesto Jacques Euriques, oficial do Exército Brasileiro - Major do Império e escritor, narrou sua chegada as margens deste rio, próximo a cidade de Papanduva onde este cortava a chamada Estrada da Mata.

O primeiro nome do rio Canoinhas não tem nada a ver com rio para as pequenas canoas. Canoinhas é para distinguir do rio Canoas, lá de cima, que é o divisor do município de Curitiba e Lages, quando os tropeiros levavam o gado para Sorocaba pela Estrada da Mata, cruzavam lá em cima o rio Canoas e depois mais abaixo da Serra do espigão cruzavam o rio menor, ou seja, o Ca-

*noges Mirim* (pouco da canoas pequenas) conhecido assim por volta de 1850, porque primitivamente seu nome era *Itupeba* - 1750. Tinha então o Canoas lá em cima e o canoas pequeno aqui abaixo.

Pode-se afirmar através dos escritos do major Alfredo Ernesto Jacques Euriques que ele próprio foi o primeiro branco a por os pés nesta terra de índios.

### Quanto a Guerra do Contestado

A Guerra do Contestado é um tema muito complexo porque não foi apenas uma guerra de jagunços, como costuma-se contar, que teria sido uma guerra religiosa conduzida pelo José Maria, pelo Monge José Maria, esse já foi um falso monge, porque o verdadeiro era um homem bom, um profeta, era um homem religioso e que fez muitas profecias sobre a nossa terra, foi bem dizer ele que plantou a segunda Cruz de nossa cidade, aquela que está lá no morro onde tem o ginásio, hoje dizem o Morro do Santa Cruz, mas é Morro da Santa Cruz. Isso ocorreu mais ou menos 1902, ficava perto de outra cruz da qual já falamos.

Guerra de jagunços não foi apenas uma guerra religiosa, foi de interesse políticos entre os territórios do Paraná e Santa Catarina, que contestavam uma parte das terras.

E o território realmente contestado era entre o rio Timbó, rio Canoinhas e até Papanduva, Lageadinho e a serra até o rio Paciência. Nesta época Canoinhas não era nem distrito de Curitibanos. Só em 1904 é que foi fundado o distrito de Santa Cruz de Canoinhas, que tudo isso aqui inclusive Curitibanos pertencia a Lages. Nós fomos desmembrados de Curitibanos em 1911, quando foi fundado o município.

A política administrativa de Canoinhas naquela época estava sujeita ao prefeito de Curitibanos que neste tempo era o Coronel Francisco Albuquerque (hoje tem a rua Coronel Albuquerque-



que). Foi ele que fundou o município e trouxe inclusive um auxílio do Estado naquela época de vinte contos de réis para restaurar umas pontes que foram destruídas por uma grande enchente de 1911. Essa enchente é conhecida porque ela arrasou a região toda e alagou a periferia toda. Conhecida como a maior enchente de todos os tempos, chamada enchente de São Miguel.

Bem, voltemos a Guerra e ao local dos primeiros combates.

Veja bem, temos que distinguir os jagunços que foram os fanáticos eram lá de Campos Novos, Campos do Irami, onde inclusive foi morto o falso monge José Maria. De modo que depois é que ocorreram os últimos combates nesta região, mas antes houve combates em Taquaruçu, Irani e em Santa Maria Pedra Branca.

Aqui em Canoinhas houve vários combates aos arredores da cidade, no bairro da Piedade, Encruzilhada.

Ali na Piedade cheguei a conhecer um potreiro que era uma espécie de cemitério onde foram mortos os soldados que vinham combater os jagunços. Esses soldados eram do Exército Brasileiro e os jagunços tinham técnicas diferentes e enfrentavam as forças militares.

É bom lembrar que Canoinhas só passou a tomar parte desta situação a partir de 1912 - 13 - 14, inclusive esteve aqui na região um terço do exército brasileiro, que naquela ocasião era constituído de 12.000 (doze mil) homens. E aqui em Canoinhas esteve o General Setembrino de Carvalho, que viera incumbido de pacificar a Guerra. Aqui na Praça Lauro Müller (antes terreno baldio), ele passou em revista a tropa composta de 3.000 (três mil) homens.

Temos que tomar cuidado o que dizemos e escrevemos. Nossa região não disputou a concessão de terras, este problema ocorreu principalmente em Caçador, Calmon, região compreendida

entre Porto União e caçador, mais especificamente um lugar chamado São João dos Pobres (hoje Matos Costa). O descontentamento ocorreu devido a concessão que o governo deu para a Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande. E o povo dali dizia que "os brasileiros não tinham direito a nada, só os gringos é que tinham esse direito. Os gringos eram os estrangeiros, os americanos que faziam parte da São Paulo Railway receberam uma concessão de 15 km (quinze quilômetros) de cada lado da estrada de ferro, de modo que acabaram com os posseiros, injustiça muito grande para com os proprietários ou com aqueles que ocupavam a região da época.

FOTO - "A BICA DO MONGE"



## ANEXO IX

Entrevista nº 2: Francisco Ferraz (aposentado, 91 anos) Rei dos Tropeiros do Sul do Brasil, que chegou na cidade de Canoinhas em 1916, final da Guerra do Contestado.

Diz ele: "Meu pai veio prá cá porque acabou a Guerra do Contestado e então ele comprou umas terras lá na Serra do Lucindo, que tem esse nome por via desse Lucindo ser um bandido fugido da Guerra Federalista no Rio Grande do Sul.

Bom e o meu pai só comprou estas terra porque jagunço mesmo já não existia mais aqui, tinham se embrenhado pelos mato ou morrido lá em Santa Maria, que foi o último combate e acabou extraviando tudo. Os jagunços eram tudo gente sofrido, mas eu quero contar prá senhora um fato que aconteceu aqui no Alto das Palmeiras durante a luta dos jagunços com as tropas do governo.

Diz que o Major Vieira (primeiro prefeito) era do lado das tropas do exército e aqui no morro em uma das lutas ele foi correr e se engatou num arame farpado e aí ele gritava: "me larga que eu sou irmão"; "me larga eu sou irmão" (e ele era o governo). Quando ele escapou o arame cortou a mão dele e ele contava que aquilo era marca de uma bala disparada por jagunço.

Eu conheci alguns jagunços, o meu sogro era um deles, o Joaquim Gonçalves de Oliveira, ele era do Arroio Fundo, município de Papanduva.

A Guerra era de muito fanatismo e aí confundem com uns que eram jagunço que lutavam prá defende as terras. Até nós chegamos a ver, eu e papai, um tenente e um soldado ser morto ali no Rio Vermelho (Serra do Lucindo) primeiro eles os fanáticos (analfabetos e gente ruim) atiraram na cabeça do cavalo e depois mataram os dois que ficaram estirados lá no chão.

Bom eu tenho que contá prá senhora que tem fanatismo de qualquer coisa e tem uns então, que eram fanático por um monge e que eles diziam que era santo, mas este não era santo, ele era o Zé Maria, um bandido que juntou gente só prá lutar nesta Guerra, nesse tempo eu ainda não morava aqui, estava lá em São Mateus.

Esse povo, os fanáticos se juntaram lá perto de Curitiba, é bem lá nos Campo de Irani; às forças de Zé Maria - ele morreu nessa luta - que ameaçava as pessoas a lutar ou então iam perder as terras pro governo. Canoinhas ficou quase sem gente, porque quem não lutava pro lado dos jagunços, tinha que ser do lado do governo. Mas, quem era o mais ruim dos jagunços era o Adeodato - um bandidão, que matava até seus próprios homens e matou também a mulher dele. Contam que quando a guerra acabou e ele foi preso, ele dizia que não tinha dó e ia continuar matando de criancinha prá cima e acabar de uma vez com a maldita guerra.

Não lembro bem, mas me parece que ele foi preso em Mafra, e lá ele tinha que limpar as privadas e sempre tinha em volta dele dois soldados, ele quis fugir e atacou os soldados com aquelas latas cheias de (... risos ...) sujeira de privada e daí quis correr, nisso um outro soldado atirou, não sei bem se foi aí que morreu o dito de instinto ruim.

#### Quanto aos usos, costumes e tradições

Os costumes do povo daqui era coisa simples, depois foi se perdendo estas coisas, acho que é porque começou a crescer demais a cidade.

Mas vou contar prá senhora, os costumes mais comum que eu vi aqui era do povo cozinhar o feijão com bastante mistura, secar a carne (carne de porco frita era guardada na banha ou o mais comum era o charque) mais que eu andava do Rio Grande até

São Paulo, levando as tropas de mula e vender no mercado de Sorocaba.

Outro costume, era sentar todo mundo em volta de uma fogueira prá conversar e contar os casos.

Como não tinha médico e a gente andava por este mundo de Deus aí eu aprendi a usar muito remédio das plantas, agora isso tá virando moda e vem gente aqui prá eu benzer, mas eu dou remédio que são plantas que as pessoas tem em casa. Agora, costume que pegou mesmo aqui foi o de tomar chimarrão.

Ah! O que não dá prá esquecer, é que nós sempre guardamos os dias de festas, fazemos orações e jejum quando eles tão chegando.

Os caboclos mesmo tinham costume de fazer balaio (não sei se são caboclo ou bugre) e de fumar palheiro, é que não tinha cigarro de papel prá vender e o fumo de corda era mais puro, hoje não, tá tudo muito misturado e o cheiro de veneno.

Esses são os costumes que eu lembro, mas quando começou a vir mais estrangeiros, alemão, polonês, ucraninos e que começou a aumentar os costumes e a gente aprendeu um pouco dos outros".

## ANEXO X

### Entrevista número 3: Maria Terezinha Cordeiro e Josefa Heiden

Distrito de Paula Pereira (mapa - Anexo XI)

#### Sobre a população, usos, costumes e tradições

Nós sabemos que os primeiros habitantes deste distrito foram os poloneses, alemães e italianos, a data não lembramos bem. Hoje, já não podemos dizer que ficou só nisso, as origens do pessoal aqui é das mais diversas, temos: brasileiros, poloneses, alemães, italianos e outros.

De uns tempo prá cá o pessoal de todas as raças tomou por hábito o chimarrão prá receber as visitas e depois um café torrado e moído em casa com boas misturas vão à mesa, mostrando que gostamos de receber bem as visitas.

Antigamente o povo daqui utilizava-se do monjolo, empregado para pilar o milho com o qual faziam a farinha de milho e descascavam o café. O primeiro monjolo daqui era do seu Pedro Adelino Cordeiro.

Como somos dados ao trabalho da lavoura e pecuária, usamos alimentação muito rica e variada, procurando comprar o menos possível e usar melhor o que produzimos.

Agora é bom falar de costumes.

Nosso pessoal aqui tem até hoje, o costume de batizar as crianças no pocinho de São João Maria (fica localizado lá na fazenda dos Garret).

Ainda mantemos muitas das nossas superstições como: virar a vassoura atrás da porta, simpatias, benzimentos, sondaia (quebrar o mau agouro deixado com o grito da coruja), lobisomem, panelas de dinheiro enterrado (deve ter muitas nessas nossas bandas, por causa da época da Guerra do Contestado) e tem outros, mas uma tradição que está desaparecendo aqui é o carnaval.

Houve uma época em que o nosso carnaval atraía pessoas de todas as localidades. Era a festa mais comemorada, seguida das festas do Divino e do fandango de São Gonçalo, também era uma festa as corridas de cavalo e cada fazenda tinha sua própria raia. As outras tradições quase se acabaram, mas esta última até se avivou, porque agora nós temos aqui um Centro de Tradições Gaúchas "Fronteira Catarinense".

Como quase todo mundo aqui, nós somos católicos e um pouco da história da igreja eu (Maria) posso contar:

Aos vinte e oito dias do mês de junho de 1917, na residência do senhor Theodoro Maria de Agostinho, se reuniram Adolpho Postol, Alfredo de Paula, Manoel Leocádio e outros. Eles combinaram de construir uma capela que levaria mais tarde o nome de São Sebastião. Resolveram mandar publicar no jornal do Democrata o início do serviço e pedir ao Reverendíssimo Senhor Frei Menandro Kamps cinco listas feitas e carimbadas por ele, com o fim de pedir donativos para a mesma.

No dia 1<sup>o</sup> de janeiro de 1992, na mesma casa do senhor Theodoro fundaram a Sociedade Beneficiente de São Sebastião, junto a capela.

E em 17 de agosto de 1946 o povo ergueu a segunda capela, agora com o nome de Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição.



Nossos costumes e meios de transportes se foram pois antigamente o rio Iguaçu era navegável e as embarcações que mais eram vistas eram a vapor. O mais importante vapor que passava por aqui era o Leão. Usavam muito o trem, carros de boi pra ajudar no serviço mais pesado (foto - Anexo XII), principalmente na época da LUMBER, as carroças eram como os automóveis hoje.

Antes de terminar é bom falar da origem do distrito.

Quando Canoinhas denominava-se Ouro Verde, Paula Pereira denominava-se Lagoa do Norte porque os meios de transporte na época eram canoas e lanchinhas e os moradores iam a Ouro Verde vender erva-mate e madeira.

O fazendeiro Francisco de Paula Pereira é tido como o primeiro morador de Canoinhas, fixando-se ali em 1888, daí o nome de Paula Pereira.

ANEXO XI

MAPA DO MUNICÍPIO

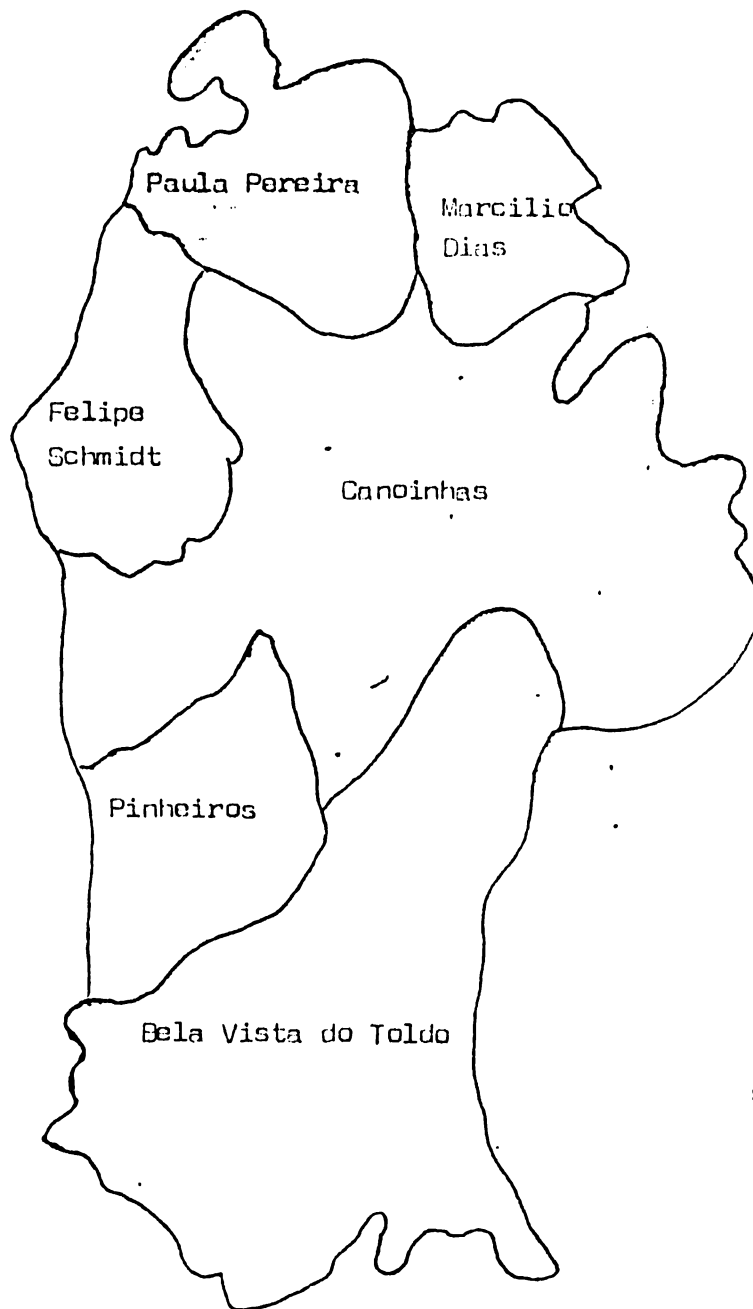


FOTO - MEIOS DE TRANSPORTE



FOTO - CRUZEIRO DE SÃO JOÃO MARIA

